



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
MARIA CLARICE PEREIRA DE CASTRO

A IMPORTÂNCIA DA TV E VÍDEO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO, PARA
MOSTRAR OS EFEITOS DAS DROGAS NA 4ª SERIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

MACAPÁ
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMPÁ
MARIA CLARICE PEREIRA DE CASTRO

A IMPORTÂNCIA DA TV E VÍDEO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO, PARA
MOSTRAR OS EFEITOS DAS DROGAS NA 4ª SERIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso
formulado como requisito final para
conclusão do Curso de
Especialização em Mídias na
Educação da Universidade Federal
do Amapá, Sob a orientação da prof.
Inajara Amanda Fonseca Viana.

MACAPÁ
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMPÁ
MARIA CLARICE PEREIRA DE CASTRO

A IMPORTÂNCIA DA TV E VÍDEO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO, PARA
MOSTRAR OS EFEITOS DAS DROGAS NA 4ª SERIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

Data da defesa:

Conceito Obtido: _____

____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Inajara Amanda Fonseca Viana
Orientadora (UNIFAP)

Prof. Esp. Silvia Bentes

Prof. Mestre Geyza D' Avila Arruda

AGRADECIMENTOS

À Deus, por sua imensa bondade e sabedoria que olha por nós seres humanos repletos de dúvidas, aflições e indagações.

À universidade Federal do Amapá, pela oportunidade, aos tutores do curso de especialização em mídias pela grande contribuição, especialmente a Prof. Orientadora Inajara Amanda Fonseca Viana, pelos seus ensinamentos e paciência com a qual conduziu este momento.

À todos que direta ou indiretamente contribuíram nesta difícil caminhada.

RESUMO

Observa-se a importância cada vez maior que vem tendo as mídias no campo educacional, que não somente transforma a sociedade com seus avanços tecnológicos, como também possibilita a Educação seu uso em distintas práticas pedagógicas. Este trabalho retrata as mídias na Educação desde o campo de prevenção ao uso de drogas na escola. Para tanto, o objetivo central se concentra em descrever e analisar o papel estratégico que desempenha os meios de comunicação, neste caso a TV e o vídeo no processo de ensino-aprendizagem de alunos da 4ª série do ensino fundamental em relação aos efeitos das drogas. Através da pesquisa etnográfica com abordagem qualitativa e uso da técnica de observação direta e intensiva (observação e entrevista) e observação extensiva (aplicação de questionário), foi possível alcançar resultados que demonstram que cada vez é menor a idade de crianças que utilizando drogas lícitas e ilícitas na escola, o que vem agravando um problema que envolve um perfil de alunos que se encontram em uma etapa de significativa vulnerabilidade desde o campo do desenvolvimento humano (fisiológico, social e cultural) e portanto requer da Educação novas e inovadoras práticas preventivas. Desta feita, a pesquisa ainda demonstrou a relevância da TV e do vídeo para os 20 alunos da 4ª série do ensino fundamental da Escola Estadual Ana Dias da Costa, localizada no município de Santana-AP, onde a maioria disse ter conhecimento sobre as drogas, e que já assistiram a novelas, programas, filmes e documentários retratando sobre o uso e efeito das drogas. Com isso, ressalta-se a relevância das mídias como uma ferramenta pedagógica que pode ser utilizada eficaz no combate e prevenção ao uso de drogas na escola.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano; Drogas; Ensino Fundamental; Mídias.

ABSTRACT

Note the increasing importance that comes with the media in the educational field, which not only transforms society with its technological advances, but also enables its use in Education distinct pedagogical practices. This work portrays the media in Education from the field of drug abuse prevention at school. Therefore, the main objective focuses on describing and analyzing the strategic role that the media plays in this case a TV and video in the teaching and learning of students in the 4th grade in relation to the effects of drugs. Through ethnographic research with qualitative approach and use of the technique of direct observation and intensive (observation and interview) and extensive observation (questionnaires), it was possible to achieve results that demonstrate that each time is less than the age of children using legal drugs and illicit drugs in the school, which is exacerbating a problem that involves a profile of students who are in a stage of significant vulnerability since the field of human development (physiological, social and cultural) and therefore of Education requires new and innovative preventive practices. This time, the survey also demonstrated the importance of TV and video for the 20 students in the 4th grade of elementary school State School Ana Dias da Costa, located in the municipality of Santana-AP, where the majority said they had knowledge of the drugs, and already watched novelas, programs, films and documentaries depicting about the use and effect of drugs. Thus, it emphasizes the relevance of media as a teaching tool that can be used effectively in combating and preventing drug use in school.

Keywords: Human Development; Drugs; Elementary School; media.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I: MÍDIAS.....	10
1.1 Aspectos	
Conceituais.....	11
1.2 Mídias na Educação.....	13
1.3 TV e Vídeo: aspectos relevantes para o Ensino Fundamental.....	17
CAPÍTULO II: PERFIL DOS ALUNOS DA 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	21
2.1 Aspectos Fisiológ.....	24
2.2 Aspectos Socioculturais (meio).....	26
2.3 Relação escola X aluno.....	28
2.4 Papel da Escola na formação do Aluno do Ensino fundamental.....	29
CAPÍTULO III: DROGAS.....	32
3.1 Contexto Histórico: Entrada das drogas e sua peregrinação na Sociedade brasileira.....	32
3.2 Dados Estatísticos sobre a faixa etária dos usuários	36
3.3 O uso de drogas nas escolas.....	40
3.4 O papel da escola como mediadora na prevenção das drogas.....	42
CAPÍTULO IV: PESQUISA DE CAMPO: Análise dos Resultados.....	45
CONSIDERAÇÕES	
FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE.....	61

INTRODUÇÃO

A importância que tem os meios de comunicação na formação dos seres humanos é constante e crescente, onde cada vez mais se presencia a inserção de novas tecnologias. Assim passa com a televisão, o vídeo, o computador entre outras ferramentas, que são parte do cotidiano e tem ajudando nas diversas esferas da sociedade, entre as quais no campo educacional, onde, por exemplo, a televisão e o vídeo tem sido suporte para que professores e alunos possam cumprir com os objetivos na construção de cada conhecimento, de maneira reflexiva e consciente.

Quando o tema vai ao campo do ensino fundamental, aumenta a relevância do uso da tecnologia, no contexto social e educacional, visto que, esta etapa do ensino abrange a crianças e adolescentes, que se encontram em uma etapa de atenção especial, de grandes mudanças fisiológicos e socioculturais, que incidem diretamente na prática escolar.

Destaca-se que este grupo do mesmo modo que se deslumbra e busca conhecer sobre as tecnologias e suas constantes inovações, também apresenta curiosidade e chega até mesmo ao uso das drogas. Observa-se a um período do desenvolvimento humano onde o indivíduo desenvolve a aquisição de um conhecimento mais maduro e também que busca construir uma identidade pessoal. Portanto, é uma etapa de importante desenvolvimento de características de busca pelo “novo”, como também de dificuldade de reconhecer certas normas de condutas de risco.

Considera-se que no campo educacional, o fenômeno das drogas vem resultando em um dos temas mais urgentes e que requer de uma devida atenção de professores e de gestores educacionais quanto à situação que vivenciam crianças e adolescentes em relação ao uso de drogas.

Com isso, a hipótese que se projeta a partir dos argumentos introdutórios é de que a TV e o vídeo, como recurso de maior alcance a crianças e adolescentes, tanto em casa, como na escola, podem ser expressivas ferramentas de prevenção e redução ao uso das drogas no ensino fundamental.

É nesta linha de análise, que se fundamenta o problema desta investigação, que é de entender: Como a TV e o vídeo vêm sendo utilizado no campo educacional para a prevenção de drogas de alunos do ensino fundamental?

O objetivo central desta investigação se concentra em descrever e analisar o papel estratégico que desempenha os meios de comunicação, neste caso a TV e o vídeo no processo de ensino-aprendizagem de alunos da 4ª série do ensino fundamental em relação aos efeitos das drogas.

Justifica-se este trabalho visto a relevância das mídias no campo educacional, onde se considera interessante buscar um maior aporte teórico e empírico sobre o tema, de modo a entender como crianças e adolescentes vêm utilizando a TV e o vídeo como ferramenta de aprendizagem social.

A pesquisa é do tipo etnográfico numa abordagem qualitativa utilizando-se a técnica de observação direta e intensiva (observação e entrevista) e observação extensiva (aplicação de questionário).

Segundo Ludke e André (1986, p.14), a pesquisa etnográfica, vem sendo utilizada com bastante frequência na Educação, uma vez que serve para descrever a cultura de determinado grupo sociais. Para as autoras a relevância da pesquisa etnográfica na Educação se baseia em: [...] “uma preocupação em pensar o ensino e aprendizagem dentro de um contexto cultural mais amplo”. Da mesma maneira, as pesquisas sobre a escola não devem se restringir ao que se passa no âmbito da escola, mas sim relacionar o que é aprendido dentro e fora da escola.

No caso deste estudo, observa-se que a pesquisa etnográfica permite ao investigador se aproximar mais de seu campo de análise e entender as experiências que vivenciam os alunos do ensino fundamental dentro e fora da escola em relação ao uso e a prevenção das drogas.

Desta maneira, é que a observação direta intensiva emerge como técnica de pesquisa. Para Lakatos e Marconi (2002, p.87) este método de observação emprega todos os conhecimentos que possui o pesquisador para entender determinadas características da realidade estudada.

No entanto, a observação requer também de uma estrutura sistemática e planejada para compreender o que se procura e a importância de todos os aspectos da pesquisa. Para tanto, utiliza-se da pesquisa direta extensiva onde às informações são obtidas através da coleta de dados com o uso de questionário (LAKATOS e MARCONI, 2002).

Explica Lakatos e Marconi (2002) que o questionário é uma importante ferramenta de coleta de dados, onde o pesquisador realiza uma série de perguntas de forma ordenada e por escrita ao entrevistado (a).

Este trabalho se divide em quatro capítulos: Mídias; Perfil dos Alunos da 4ª Serie do Ensino Fundamental; Drogas; Pesquisa de Campo.

Neste sentido, o primeiro capítulo aborda sobre a evolução histórica dos meios de comunicação no âmbito social, com destaque a inserção das mídias na Educação. Ressalta-se nesta abordagem teórica, a TV e o vídeo como relevantes na prática pedagógica na relação de ensino-aprendizagem.

No segundo capítulo é apresentado o perfil dos alunos da 4ª série do ensino fundamental, a partir da Resolução nº 3, de 3 de agosto de 2005, do Conselho Nacional de Educação – CNE, que trata sobre o ensino de nove anos. A proposta desta parte do capítulo se constitui em demonstrar o desenvolvimento do aluno a partir da teoria do desenvolvimento humano, onde se aborda sobre os aspectos fisiológicos, sociais e culturais de complexas realidades da infância e adolescência.

O capítulo destaca ainda, sobre a relação entre escola aluno e o papel que exerce a instituição escolar na formação do aluno da 4ª serie do ensino fundamental.

Para fundamentar o tema, segundo os objetivos propostos, o terceiro capítulo retrata o cenário das drogas na sociedade brasileira, a partir do contexto histórico e principais conceitos teóricos, bem como dos dados estatísticos sobre a faixa etária dos usuários, no caso, alunos do ensino fundamental. Seguindo nesta lógica de pesquisa, esta parte do trabalho, aborda também, sobre o uso de drogas nas escolas e a ação da mesma como mediadora na prevenção das drogas.

O quarto capítulo, apresenta os principais achados da pesquisa etnográfica realizada com os 20 alunos da 4ª série do ensino fundamental da Escola Estadual Ana Dias da Costa, localizada no município de Santana-AP.

O uso da observação participante com questionário permitiu trabalhar com esses alunos os efeitos desastrosos que as drogas trazem para os usuários.

O trabalho apresenta ainda as considerações finais e as referências que deram aporte teórico a esta investigação.

1 MÍDIAS

Ao longo da história, as revoluções tecnológicas e da comunicação sempre desempenharam um papel crucial no desenvolvimento da sociedade e de seus indivíduos. Deste modo, os sistemas tecnológicos se tornaram uma condição básica na forma do ser humano pensar e de relacionar-se. Assim, é que Briggs e Burke (2002) descrevem sobre a história da comunicação em massa, que se inicia com a invenção de uma máquina chamada imprensa, em Manguncia, Alemanha, em 1450. Para os autores este período marca a mudança da comunicação oral e escrita; do manuscrito ao impresso. Logo, a sociedade começa um processo de despertar da curiosidade pelo conhecimento e por tudo que havia mais além de cada cidade. Ressalta-se o surgimento do livro produzido em grandes quantidades. Aparecem também os primeiros textos jornalísticos que logo se convertem em jornais, que em consequência, dá lugar à origem da “opinião pública”.

Assinala Castells, 2000, p.50, como um ponto marcante para a mudança da tecnologia na história da humanidade, a Revolução Industrial, no final do século XVIII, na Inglaterra, onde a máquina a vapor aparece como elemento de transformação tecnológica, que abriu caminho para novas técnicas e novos conhecimentos em todo o sistema econômico e social. Segundo o autor a Revolução Industrial pode ser descrita como “[...] padrão de descontinuidade nas bases materiais da economia, sociedade e cultura”.

Destaca-se também, o aparecimento do correio, o telegrafo, o telefone, o radio, o cinema e a televisão, entre as grandes inovações tecnológicas, dando uma nova dinâmica ao século XX. Com isso, o mundo entra em uma esfera de reprodutibilidade, onde as imagens são reproduzidas e transmitidas de diversas maneiras, através da comunicação oral e visual. (BRIGGS e BURKE, 2002).

Agrega-se a este cenário evolutivo os meios digitais através da revolução da microeletrônica a partir da década de 1970.

Com a microeletrônica, as novas tecnologias não vão substituir, simplesmente e linearmente, as anteriores. Antes, elas vão proporcionar convergências e fusões, principalmente no que se refere à informática e às telecomunicações. Os media digitais vão agir em duas frentes: ou prolongando e multiplicando a capacidade dos media tradicionais (como satélites, cabos, fibras ópticas); ou criando novas tecnologias, na maioria das vezes híbridas (computadores, videotextos - como o Minitel, Celulares, Pages, TV Digital, PDAs, etc.). (LEMOS, 1997, p.3).

Explana Lemos (2002), que as mudanças tecnológicas que transcorreram e vem transcorrendo na sociedade, marcam expressivamente o corpo social e todos os modos de produção, consumo e comunicação. Tudo isso, porque as novas tecnologias permitem as pessoas uma maior abrangência de informações, que por vez, rompem com os limites de tempo e espaço e até mesmo com os valores culturais e sociais.

Neste sentido, afirma Santaella (2008, p.23):

Já está se tornando lugar-comum afirmar que as novas tecnologias da informação e comunicação estão mudando não apenas as formas do entretenimento e do lazer, mas potencialmente todas as esferas da sociedade: o trabalho (robótica e tecnologias para escritórios), gerenciamento político, atividades militares e policiais (a guerra eletrônica), consumo (transferência de fundos eletrônicos), comunicação e educação (aprendizagem à distância), enfim, estão mudando toda a cultura em geral.

Á luz destes argumentos introdutórios sobre a evolução da comunicação ao longo dos tempos que se disserta sobre as mídias na Educação, a partir de uma percepção que as mesmas alteraram a maneira de se produzir o conhecimento.

1.1 Aspectos Conceituais

Segundo Couto et.al. (2008, P.106) o termo “mídia” apresenta diversos conceitos que em muitos casos estão associados aos de meios de comunicação em massa. Desta forma, o autor parte primeiramente da semântica da palavra “mídia” que é uma derivação da língua norte-americana do termo latino “*media*”, ou seja, meios. Explica os autores que este vocábulo é importado ao português com o significado de “meios de comunicação”.

Corroborando Guedes (2010, p.1):

Literalmente "mídia" é o plural da palavra "meio", cujos correspondentes em latim são "*media*" e "*medium*", respectivamente.

Na atualidade, *mídias* é uma terminologia usada para: **suporte de difusão e veiculação da informação** (rádio, televisão, jornal), para **gerar informação** (máquina fotográfica e filmadora).

Entende Santaella (1992, p.24) que a palavra “mídia” consegue em sua acepção características particulares consideradas “idiossincráticas”, uma vez que se relaciona ao ser humano, conforme sua individualidade em relação do uso da máquina conforme necessidade e limites. Ressalta ainda, que: “O termo mídias no plural visa pôr em relevo os traços diferenciais de cada mídia, para caracterizar a

cultura que nasce nos trânsitos, intercâmbios e misturas entre os diferentes meios de comunicação”.

Para Straubhaar (2004, p.23) a mídia explicada como a comunicação de massa é percebida de “um – para - muitos ou *ponto a multiponto*” (grifo do autor). Esclarece o autor que a mídia faz referência de como a mensagem de uma única fonte alcança a centenas de receptores, como é o caso dos jornais, revistas e televisão.

Para Fadul (1994) que a mídia, remete ao pensar sobre o surgimento do primeiro jornal, posteriormente o desenvolvimento da televisão, e em tempos atuais na aceleração tecnológica, como por exemplo, a televisão a cabo e Internet, que sem dúvida alguma abriram novos horizontes de descoberta para que o indivíduo aumentasse sua capacidade de aquisição do conhecimento.

É desta maneira, que Lemos (1997, p.3) alcança ao conceito de “novas mídias” onde descreve:

Com a entrada das tecnologias digitais, novas formas de circulação da informação surgem. Ao modelo “Um - Todos” dos media tradicionais, opõem-se o modelo “Todos - Todos”, ou seja, uma forma descentralizada e universal (tudo pode ser convertido em “bits” - sons, imagens, textos, vídeo...) de circulação das informações.

Assim, com a intenção de ampliar e tornar flexível o conceito, a palavra mídias foi adotada e redimensionada nas sucessivas décadas do século XX, demonstrando sua relevância no âmbito social, onde se percebe a construção de um significado dinâmico a partir das inovações tecnológicas.

Conforme, Dizard Jr. (2000) a tecnologia levou a uma transformação substancial no conceito de mídias, fazendo com que sua padronização e contexto passassem a se basear em três condições:

1. Produtos (informação) que não se advém mais de uma fonte central;
2. Aparecimento de novas mídias com serviços especializados a distintos segmentos de públicos;
3. Distribuição de produtos por novos canais, com formatos interativos, bidirecionais.

Descreve o autor que a evolução histórica das mídias se resume em:

Primeira aconteceu no século XIX, com a introdução das impressoras a vapor e do papel de jornal barato. O resultado foi a primeira mídia de massa verdadeira - os jornais "baratos" e as editoras de livros e revistas em grande escala. A segunda transformação ocorreu com a introdução da transmissão

por ondas eletromagnéticas - o rádio em 1920 e a televisão em 1939. A terceira transformação na mídia de massa - que estamos presenciando agora - envolve uma transição para a produção, armazenagem e distribuição de informação e entretenimento estruturados em computadores. Ela nos leva para o mundo dos computadores multimídia, *compact discs*, bancos de dados portáteis, redes nacionais de fibras óticas, mensagens enviadas por fax de última geração, páginas de Web e outros serviços que não existiam há vinte anos (DIZARD JR, 2000, p.53).

Percebe-se que as mídias mostram-se como uma nova forma para que os seres humanos possam aumentar suas formas de expressão e comunicação, sendo que os indivíduos interagem com o outro e com o mundo através das suas múltiplas competências e formas de expressões utilizando de várias linguagens constituídas de signos textuais, orais, sonoros, gráficos, imagéticos, entre outros.

Considera Santaella (2008, p.27) que a contemporaneidade vivencia uma “proliferação midiática, provocada pelo surgimento de meios cujas mensagens tendem para a segmentação e diversificação hibridização das mensagens, provocada pela mistura entre meios [...]”. Tudo isso, leva ao repensar sobre a função que as mídias exercem na sociedade e na formação dos sujeitos, percebe-se que é grande a demanda da sociedade usuário e dependente das tecnologias de informação e comunicação (TIC), estes são diretamente influenciados das mais diversas formas pelas mídias.

Hoje é comum o uso da TV e vídeo e demais mídias. Em uma residência por mais humilde que seja tem sempre pelo menos uma televisão, que se tornou a diversão das camadas menos favorecidas que não dispõe de outros meios para proporcionar a família diversão e entretenimento. Desta maneira, pode-se dizer que é quase inconcebível que uma pessoa durante todo um dia não utilize ao menos um meio de comunicação. A mídia se posiciona como um componente cada dia mais relevante no cenário social. (STRAUBHAAR, 2004).

1.2 Mídias na Educação

Segundo Ortiz (1994) a mídia é um agente preferencial na constituição de conceitos e valores, uma vez que, fornece aos homens referências culturais para suas identidades. Com isso, observa-se que as tecnologias estão cada vez mais adentrando aos diversos cenários institucionais, como empresas, Estado e escola. Especificamente, no campo educacional as mídias vêm exercendo um expressivo papel para aquisição e disseminação do conhecimento.

Para Silverstone (2005) o dilema sobre a relevância da mídia em geral aparece devido um debate histórico sobre o isolamento do indivíduo no contexto social e o impacto das mesmas sobre o comportamento humano, em suas relações com os meios e com os espaços sociais. Segundo o autor não se pode realmente desconsiderar uma análise crítica sobre a participação das mídias, em especial, o poder da televisão na formação cultural, ética e moral principalmente das crianças e jovens, exercendo grande influência no contexto educacional. Pais e professores devem saber lidar com toda essa quantidade de informação que todos os dias entram nos lares, a fim de que jovens e crianças possam tomar posição crítica e absorver com segurança o que é positivo.

Moran (2007) retratando sobre este dilema, aborda que é notório que a aceleração tecnológica, fez com que as mídias invadissem toda a sociedade e atingisse diretamente na forma de aquisição da informação por parte do cidadão. Não se pode desconsiderar que a informação em tempo real apresenta efeitos multiplicadores, gerando contribuições de grande valia na sociedade. Afirma ainda:

Estamos deslumbrados com o computador e a Internet na escola e vamos deixando de lado a televisão e o vídeo, como se já estivessem ultrapassados, não fossem mais tão importantes ou como se já dominássemos suas linguagens e sua utilização na educação.

Desta maneira, que surge uma inquietação no campo acadêmico e educacional sobre o papel das mídias no âmbito social, onde se considera importante entender e analisar como a pessoa vem utilizando as tecnologias de informação e comunicação para gerar novos conhecimentos. Elucida Moran (1994, p.13):

Compreender melhor os Meios de Comunicação e os processos de comunicação torna-se indispensável para se passar de uma consciência ingênua, que não questiona aos Meios, para uma consciência crítica que supere os preconceitos existentes e capte a complexidade de dimensões envolvidas.

As grandes transformações provocadas pelas tecnologias apontam novos caminhos para a economia, para a cultura, para a educação e conseqüentemente para toda a sociedade, exigindo-se dos diferentes profissionais que atuam nessas áreas, constantes atividades de pesquisa e aprendizagem, tornando essencial a capacitação contínua, havendo uma demanda crescente por educação em seus diversos níveis.

Castells (2000, p.25) explica que o desenvolvimento da sociedade vem seguindo ao tecnológico, onde os dois se influenciam mutuamente, de forma cada vez mais intensa; sendo que a tecnológica tem um papel tão determinante que passa até mesmo a confundir o movimento da sociedade, isto é, “[...] a tecnologia é a sociedade e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas”.

Especificamente no âmbito das práticas escolares, ilustra Fischer (2002) o próprio significado de “Educação” se expande em direção sobre como as pessoas aprendem e experimentam novos modos de comportar-se, ou seja, a tecnologia passa a ser parte de um aparato educacional de constituição humana, onde diferentes sociedades interagem através dos meios de comunicação e alcançam distintos conhecimentos e realidades. O que expressa à autora que os meios de comunicação em seu desenvolvimento social são compreendidos como informações básicas na geração e na circulação de valores e representações sociais. Logo, por um lado as mídias se descrevem como parte do aprendizado cotidiano.

Dessa maneira, que os instrumentos de comunicação atual se aderem a todos os campos da sociedade, como no caso da Educação, que também, se vê em uma encruzilhada, de um lado vivenciado, por um ensino tradicional que passa por intensa crise exigindo dos profissionais da educação uma reformulação de suas práticas, com redefinição de estratégias de inclusão de novas ferramentas de ensino.

Pondera Belloni (1999) que em realidade o uso das tecnologias de informação e comunicação na educação, já não é mais uma opção: estas tecnologias já estão no mundo, transformando todas as dimensões da vida social e econômica. Assim, compete a Educação a integração e aproveitamento das diversas potencialidades comunicacionais que aparece para o campo pedagógico o melhor proveito.

Pozo (1996) considerar que os estudiosos da Educação vêm referenciando em suas teorias as novas formas de aprendizagem, preocupados com a interação entre o material a ser aprendido e os processos psicológicos necessários para aprender, onde o problema esta sobre o modo pelo qual o aluno obtém, seleciona, interpreta e transforma a informação.

Portanto, o desafio atual do sistema educacional é formar cidadãos, ativos, participativos capazes de exercer a cidadania responsável e que estejam em processo contínuo de aprendizagem, que tenham autonomia na busca e seleção de informações, na produção de conhecimentos para resolver problemas que venham a surgir na vida, no trabalho e saibam aprender a aprender no decorrer da vida. Os educandos devem ser preparados para utilizar os sistemas culturais de representação do pensamento que marcam a sociedade contemporânea, o que implica novas formas de letramento ou alfabetização sonora, visual e outros próprios das demais mídias.

Chega-se com isso, a uma ousadia de se referir à inserção tecnológica na Educação, como o uso das mídias, como uma “Educação Libertadora” como diria Freire, visto que são determinantes no processo de ensino-aprendizagem.

O educador libertador tem que estar atento para o fato de que a transformação não é só uma questão de métodos e técnicas. Se a educação libertadora fosse somente uma questão de métodos, então o problema seria algumas metodologias tradicionais por outras mais modernas, mas não é esse o problema. A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade. [...]. (FREIRE e SHOR, 1993, p. 48)

Para Moran (2007), as mídias atingem praticamente todos os segmentos sociais, tendo em vista os amplos e flexíveis meios de linguagem utilizados na propagação de ideias, valores e conhecimentos. Nesse sentido, seu potencial é de grande importância para a educação.

As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes.

Seguindo na mesma linha de pensamento, é que Silva (2010, p.1), aborda que as novas tecnologias de informação e comunicação emergem no contexto educacional com um expressivo papel de aumentar a produtividade do conhecimento ao influenciar a percepção do indivíduo para o uso de elementos manipuláveis de imagem e vídeo;

A tecnologia se difunde em uma ampla diversidade, tornando-se precursora de uma variante de informações. Esses meios são vinculados em transmissões rápidas, que têm como objetivo obter uma alta qualidade de imagem; sendo assim encontramos de certa forma facilidades ao

interagirmos através de imagens, podendo então causar a interação da mesma através do áudio e texto (SILVA, p.1).

Dessa forma, o uso das tecnologias na educação leva os profissionais dessa área a repensar sobre novas formas de construção do conhecimento, desenvolvimento de atividades, múltiplas linguagens e processos de construção de identidades, já que os alunos encontram-se imersos num mundo recheado de mídia e tecnologias e a cada dia surgem novas e mais sofisticadas.

Com isso, percebe-se a relevância de se refletir sobre o fenômeno social da TV e sua articulação na família e na escola. Faz-se necessário analisar a participação da televisão na construção de visão de mundo das crianças. É necessário esclarecer o poder desse fenômeno e tentar encontrar alguns pressupostos críticos, que possam contribuir para analisar os diversos conteúdos veiculados pela TV, refletindo sobre seus efeitos na vida das crianças e o resultado disso no seu comportamento em casa, na escola e na sociedade.

1.3 TV e Vídeo: Aspectos Relevantes para o Ensino

A principal tarefa da instituição escolar é nos dias atuais a formação integral do educando, para tornar-se cidadão crítico participativo, solidário, responsável e consciente do seu papel na sociedade. Nesse sentido, percebe-se a importância de se integrar as mídias no contexto escolar.

Afirma, Fischer (2002, p.153) sobre a relevância da televisão no contexto educacional:

Com fundamentação em tal referencial, mostra-se de que modo opera a mídia (e, particularmente, a televisão) na constituição de sujeitos e subjetividades na sociedade contemporânea, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem.

Considerando que a sociedade está mergulhada em mar de tecnologias e mídias e, estas trazem significativas mudanças no cotidiano de toda sociedade, no contexto escolar não pode ser diferente. O uso das mídias na escola geram novas possibilidades de interatividade, onde todos se sentem desafiados a conhecer e aprender mais.

Ademais não se pode deixar de lado o valor da televisão, mesmo como todo avanço tecnológico. Conforme descreve Moran (2007, p.162):

Estamos deslumbrados com o computador e a Internet na escola e vamos deixando de lado a televisão e o vídeo, como se já estivessem ultrapassados, não fossem mais tão importantes ou como se já dominássemos suas linguagens e sua utilização na educação.

Agrega Matheus (2012) que a televisão é um veículo de potencialização da imagem, onde as pessoas irreais, que para muitos aparecem como quase mágicas, assume uma suposta realidade, que por vez amplia a percepção do indivíduo ao imaginário. Observa-se que a TV tem função preponderante na ligação das pessoas com o mundo, com diferentes realidades, focalizando diversas faces: alegria, tristeza, informação, diversidade. As imagens são lúdicas, dinâmicas, impactam e até interagem com seus telespectadores.

Explica Moran (1994) que a TV, e o Vídeo são as tecnologias de maior uso dos alunos. Por já fazer parte do cotidiano deles há bastante tempo. Para o autor a televisão e vídeo combinam, sobrepondo linguagens, um grande número de imagens e ritmos, com uma variedade encantadora de falas, música, sons e textos escritos. Tais riquezas fantásticas de combinações de linguagens, balançam nosso cérebro, através de todos os caminhos possíveis nos levando assim, a reflexões e indagações.

Para Moran (1993, p.40): a inserção das tecnologias, televisão e vídeo, no processo educacional pode promover mudanças significativas no ensino e aprendizagem, isso por que:

As crianças e os jovens leem o que pode visualizar, precisam ver para compreender. Toda sua fala é mais sensorial – visual do que racional e abstrata. Leem nas diversas telas que utilizam: da TV, do DVD, do celular, do computador, dos games.

Ainda, a TV proporciona a leitura de imagens, que da mesma forma como na leitura dos livros demandam estratégias, pois requer de uma análise crítica do que se está vendo, do contrário, será apenas uma decodificação, ou seja, uma leitura superficial. Considera-se que é preciso acrescentar algo mais no ato de ler, algo mais de nós além do gesto mecânico de decodificar. O olhar capta a imagem, antes mesmo da palavra. As imagens atingem as pessoas em especial as crianças em seu ponto mais sensível: os olhos. A TV e vídeo. Compreende ainda que:

[...] operam imediatamente com o *sensível*, o concreto, principalmente a imagem em movimento. Combinam a dimensão espacial com a sinestésica, onde o *ritmo* torna-se cada vez mais alucinante (como nos vídeo chips). Ao mesmo tempo, utilizam a linguagem conceitual, falada e escrita, mais formalizada e racional. Imagem, palavra e música se *integram* dentro de um

contexto comunicacional *afetivo*, de forte impacto emocional, que facilita e predispõe a conhecer mais favoravelmente (MORAN, 1994, p.44).

Estando a TV e vídeo presente no dia-a-dia dos alunos, influenciando seu processo cognitivo e alargando seus horizontes, é necessário que se aproveite esses recursos, em prol do ensino e aprendizagem, pois essas mídias interferem no jeito de agir, pensar, sentir, relacionar-se com os outros e absorver conhecimentos. Para fundamentar este argumento, utiliza-se da análise Fischer (2002, p.157) sobre a importância da TV e do vídeo no cotidiano escolar. Descreve a autora:

O trabalho pedagógico insere-se justamente aí, na tarefa de discriminação que educadores e estudantes precisam exercitar cotidianamente em sua prática pedagógica, e que, a meu ver, inclui desde uma franca abertura à fruição (no caso, de programas de TV, comerciais, criações em vídeo, filmes veiculados pela TV, etc.) até um trabalho detalhado e generoso sobre a construção de linguagem em questão e sobre a ampla gama de informações reunidas nesses produtos, sem falar nas emoções e sentimentos que cada uma das narrativas suscita no espectador.

Portanto, os profissionais da educação devem desenvolver nos alunos a competência para analisar e fazer leitura crítica e criativa do que assistem na televisão, tornando-os assim agentes ativos e participativos do meio em vivem. Sobre isso Fischer ressalta que:

Trata-se de uma proposta destinada, nos diferentes níveis de escolarização, a mergulhar na ampla diversidade da produção audiovisual disponível em filmes, vídeos, programas de televisão, e que certamente nos informará sobre profundas alterações ocorridas nas últimas décadas nos conceitos de cultura erudita, cultura popular, cultura de massa, artes visuais, e assim por diante, mas especialmente sobre importantes mudanças nos modos de subjetivação, de constituição do sujeito contemporâneo.

Nesse sentido, é necessário que o professor tenha flexibilidade na sua prática e estratégias pedagógicas, com vistas a propiciar ao aluno a construção do conhecimento. “A formação de professores torna-se pré-condição para integrar a TV à escola sem reduzir a televisão a um suporte físico ou a alvo de ataques dos “apocalípticos”. (CARNEIRO, 2007, p.198).

Percebe-se que o uso da TV e vídeo trazem significativas contribuições para o processo ensino aprendizagem. Não se trata apenas de ter acesso a essas mídias e informações que elas trazem, mas sim de saber digerir e, sobretudo, transformar essas informações em conhecimentos para resolver problemas, pois a TV atinge os sentimentos, mexe com o emocional, afetivo, fantasias, desejos e instintos e proporciona aos jovens, crianças e adultos: informações, valores, saberes e padrões

de consumo. Através da imagem, palavra e música que se associam dentro de um conjunto de diálogo afetivo, de forte impacto emocional, que facilita a aceitação das mensagens.

Corroborando Carneiro (2007, p.199) que:

Na escola, o desafio de integrar a televisão às atividades curriculares consiste em fazer, das experiências televisivas dos alunos, a motivação para aprender os conteúdos curriculares, bem como prepará-los para ser mais seletivos e reflexivos diante da programação a que assistem em casa.

Desta maneira, considera-se que a escola deve usufruir o que está ao seu dispor para disseminação do conhecimento. A TV e o vídeo são mídias que fazem parte do Kit TV Escola, como recursos didáticos e servem para auxiliar a professores na diversificação da forma de aprender do aluno. No entanto, é preciso que tais mídias estejam inseridos no planejamento das práticas pedagógicas de modo a realmente contribuir com o processo de aprendizagem.”!

Visto que, esta mídia tem um poder de atrair a atenção dos alunos, terá um papel fundamental na contribuição de conscientizar os mesmos contra a utilização das drogas na vida das pessoas.

Segundo Moran a TV e o vídeo não pode ser utilizado na escola pelos professores como tapa buraco, vídeo enrolação, o vídeo pelo vídeo.

2 PERFIL DOS ALUNOS DA 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

A Educação brasileira vem vivenciando importantes mudanças e inovações em seu sistema de ensino e aprendizagem, começando pela educação fundamental que visa garantir o acesso a novos saberes e práticas relevantes para a realização integral de crianças e adolescentes. O propósito é de que os alunos estejam em um espaço voltado à diversidade e com ferramentas necessárias para a construção do conhecimento.

Neste sentido, a proposta teórica deste capítulo é de descrever e analisar o contexto da 4ª série do ensino fundamental onde o contexto educativo é um cenário que se caracteriza pela delimitação de um grupo social que têm objetivos e atividades específicas que podem ou devem realizar, assim como particularidades (aspectos fisiológicos, sociais e culturais) que precisam ser avaliadas na hora de se construir programas voltados à formação integral do indivíduo.

Sendo assim as mudanças educacionais que ocorreram através de reformas empreendidas ao longo dos anos de 1990 e que se adentra até os dias atuais, fizeram com que surgisse a um ensino fundamental de nove anos de duração que se divide em duas etapas (BRASIL, 2009):

1. **Anos iniciais** - 5 anos de duração - de 6 a 10 anos de idade;
2. **Anos finais** - 4 anos de duração - de 11 a 14 anos de idade.

Retrata-se ainda a equivalência da organização do ensino fundamental em oito e nove anos, conforme determina a Resolução nº 3, de 3 de agosto de 2005, do Conselho Nacional de Educação – CNE (BRASIL, 2009):

8 anos de duração	9 anos de duração	Idade correspondente no Início do ano letivo (sem distorção idade/ano)
-	1º ano	6 anos
1ª série	2º ano	7 anos
2ª série	3º ano	8 anos
3ª série	4º ano	9 anos
4ª série	5º ano	10 anos

5ª série	6º ano	11 anos
6ª série	7º ano	12 anos
7ª série	8º ano	13 anos
8ª série	9º ano	14 anos

Quadro 1 - Equivalência entre o Ensino Fundamental de oito e o de nove anos

Fonte: BRASIL (2009, p.12)

Ressalta-se ao Censo Escolar de 2010, onde os dados revelam a 31.005.341 de alunos do ensino fundamental, sendo, 54,6% na rede municipal, 32,6% rede estadual e 12,7% na rede privada e 0,1% na rede federal¹.

É neste sentido, que este trabalho se concentra na 4ª série (5º ano – 10 anos de idade), visto que é uma etapa de mudanças, onde a criança vivencia novas descobertas segundo algumas teorias que retratam sobre o desenvolvimento humano. Agrega-se que nessa etapa é onde a criança ganha maior domínio da leitura, escrita e do cálculo, bem como é capaz de compreender melhor o ambiente natural, social, político e tecnológico. É a etapa da exploração, onde a criança utiliza melhor as habilidades de operações concretas (BEE, 2003).

Com isso, considera-se necessário um enfoque ao desenvolvimento evolutivo do ser humano, que está vinculado ao desenvolvimento cognitivo e socioafetivo, indo desde a concepção até idade adulta. Conforme Almeida e Cunha (2003, p.148):

A cientificização do desenvolvimento humano, ao longo da vida, é acompanhada de um estatuto para cada uma das diferentes etapas que o compõem, o qual define normas, comportamentos e expectativas em relação a cada etapa, em consonância com os valores da sociedade, dos grupos sociais e das relações intergrupais.

Corroborar Ferreira (2010) sobre a necessidade de se compreender o desenvolvimento humano, principalmente da criança, visto que esta é uma etapa que envolve noções complexas e controversas que não se pode deixar de lado. Neste sentido, adentra-se a infância como uma etapa que compreende realidades tão diferentes, como também com a adolescência e a fase adulta.

¹ <http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/sistema-educacional>

Neste sentido, Piaget (apud Palangana, 2001) descreve o desenvolvimento humano a partir dos aspectos:

- Biológico - crescimento orgânico e maturação nervosa;
- Exercício e a experiência – Interações sociais;
- Equilibração das ações.

Explica o teórico que, tais aspectos, auxiliam no processo de reorganização das etapas de crescimento, aonde cada pessoa ao longo de sua vida vai adquirindo novos conhecimentos e vai modificando-os de acordo ao meio em que se encontra (PIAGET apud PALANGANA, 2001).

Piaget apud Souza, 2007, investiga as habilidades do pensamento das crianças, através da observação e através do caso em seus estudos da lógica. (sem sentido). Para o teórico, o desenvolvimento cognitivo é resultado de uma combinação de maturação do cérebro, o sistema nervoso e a adaptação ao ambiente.

Para Piaget (apud Souza, 2007): o desenvolvimento humano se fundamenta em cinco processos assimilação, acomodação, adaptação, organização e a equilibração. Souza explica cada um desses processos:

A assimilação é um fator que consiste ao sujeito, pois é o processo de compreensão de algo. Utiliza o conhecimento prévio que tem sobre o assunto. A acomodação é a superação, por esforço cognitivo próprio. Adaptar é assimilar e acomodar um determinado conhecimento simultâneo. A totalidade desse processo é a organização da estrutura mental. A equilibração cognitiva é o auto-regular do pensamento, ao utilizar, sobretudo, o pensamento reversível. A reversibilidade é um fator importante para a construção da inteligência, pois a ideia de pensamento móvel e dinâmico e a descoberta de transformações sobre os objetos mostram que os atos podem ser corrigidos e ou transformados, eles são de natureza mutáveis.

Desta maneira, a teoria do desenvolvimento humano permite a este estudo uma percepção de que é preciso compreender o modo de pensar da criança, neste caso da 4ª série, para poder entender como a mesma se relaciona com seu meio, ou seja, suas representações enquanto sujeito participante das relações sociais, e que atua a partir de um processo fisiológico, psicológico, social e cultural.

Este capítulo fundamenta-se em uma tentativa de definir o perfil dos alunos da 4ª série do ensino fundamental, desde uma perspectiva de desenvolvimento humano através dos aspectos fisiológicos e socioculturais que serve de base para

entender a relação escola-aluno e o papel que desempenha a intuição escolar na formação do aluno.

2.1 Aspectos Fisiológicos

A idade correspondente a 4ª série do ensino fundamental é 10 anos que é considerada uma fase determinante em termos de psicologia evolutiva, pois é nesse período que o organismo se torna estruturalmente capacitado para o exercício de atividades psicológicas mais complexas (ROCHA, 1986).

Conforme Ferreira (2010) dentro de uma concepção fisiológica é importante considerar a idade no campo escolar, visto que se constitui um referencial de desenvolvimento sobre as capacidades e responsabilidades que condiciona o indivíduo no seu percurso de vida.

Explica Piaget (1987) que é a partir dos 7 anos até os 11 anos (Operatório Concreto) que a criança adentra-se a uma construção mais concreta de seu conhecimento, onde já utiliza dos signos e símbolos para refletir seus porquês sobre a vida. Ou seja, é nesta etapa que ocorre uma verdadeira revolução da lógica no desenvolvimento da criança, visto que atinge a uma compreensão do objeto, que o pode transformar e reverter distintas situações.

Fundamenta a estruturação mental de Jean Piaget, apud Oliveira, (2004) ao abordar que esta etapa demonstra como a criança entende o mundo que a cerca e como capta a realidade. Considera a autora que Piaget ao propor estágios bem definidos para o desenvolvimento fisiológico do homem, recebeu muitas críticas. No entanto, não se pode deixar de lado que cada indivíduo passa por estágios em diferentes idades.

Desta maneira explica Oliveira (2004) que Piaget chega a uma flexibilização nos estágios, descrevendo que uma criança pode estar em um determinado estágio para certas coisas, e atingir outro na realização de outras.

Nesta mesma linha de pensamento Bee (2003) percebe a infância a partir das dimensões: físico-motora, cognitiva, emocional e social, onde descreve que a etapa de 7 até 12 anos ocorra um crescimento físico mais lento e com expressivas mudanças (puberdade), bem como, a criança irá aprimorar suas capacidades motoras (andar de bicicleta, fazer esportes, etc.). Observa ainda o autor, que nessa etapa a criança já tem a capacidade de realizar operações matemáticas concretas, e

de raciocinar indutivamente e com maior pensamento lógico e moral. Além disso, diminui a presença dos pais e aumentam as relações sociais, e onde se evidencia uma maior sexualidade e interação com o mundo exterior.

Percebe-se com isso, que a teoria do desenvolvimento humano, coloca em destaque que a etapa de 7 a 12 anos, se construirá as principais pautas para o desenvolvimento humano e para um aprendizado progressivo de habilidades do indivíduo.

Sendo assim Oliveira (2004, p.3), a luz da teoria piagetiana, percebe que o período Operatório Concreto apresenta uma progressiva formalização do pensamento, que se descreve através de duas dimensões, a saber:

- a) Sujeito epistêmico – é o sujeito do conhecimento. Nasce com estruturas que são ampliadas, a partir da interação com o meio.
- b) Sujeito operatório – é o sujeito que produz conhecimento através da sua ação sobre o meio. Este lhe propõe desafios (desequilibrações), para que as suas estruturas cognitivas sejam ampliadas e ele se adapte a este mundo.

Em sua revisão de literatura, Oliveira (2004) alcança ainda que é no estágio Operatório Concreto que a criança apresenta a seguintes características (Quadro 2):

ESTÁGIO OPERATÓRIO - CONCRETO (7 –12 ANOS)
Realidade inferida
Descentração do pensamento
Percepção das transformações
Reversibilidade do pensamento
Pensamento quantitativo
Operações mentais no nível do real
Pensamento empírico - dedutivo
Cognição intraproposicional
Conhecimento geral

Menor capacidade de processar informações
Surgimento da metacognição
Emersão do “jogo do pensamento”
Surgimento de várias competências cognitivas

Quadro 2 – Cognição infantil – (7 -12 anos)

Fonte: adaptado de Oliveira (2004, p.4)

Logo, entender essas características de desenvolvimento da criança nessa etapa de vida, é extremamente relevante, visto que a mesma adquire e assimila melhor o conhecimento e interage com maior precisão com o meio. Ademais é o reconhecimento do mundo, que a criança na etapa Operatória Concreta, vai adquirir um maior controle sobre sua capacidade de deslocar e explorar o ambiente e estabelecer relações e conhecimentos. Portanto, o ambiente é muito importante para o desenvolvimento infantil. É nesse campo que a criança buscará ter mais liberdade para explorar, manipular, observar e arriscar (Oliveira, 2002).

Seguindo nesta lógica, do raciocínio, que se retrata aos aspectos socioculturais, como parte de um desenvolvimento humano, onde a criança atua como um ser dinâmico, criativo e capaz de desenvolver distintas atividades e interagir com o seu meio ambiente através da construção de seu conhecimento cognitivo e social.

2.2 Aspectos Socioculturais (meio)

Abib (2001), aborda aos aspectos socioculturais a partir da teoria de Skinner que desconsidera os estágios fixos de crescimento, progresso, maturidade e perfeição. Para o teórico, o desenvolvimento humano surge das diferenças culturais, política, sociais e morais que influenciam diretamente na construção da identidade do indivíduo.

A teoria de Skinner se baseia no entendimento que, fatos cotidianos estão relacionados com a aprendizagem, que podem ser modificados e incidem diretamente sobre o comportamento humano e em sua forma de atuar. Logo, a criança atua de acordo como estímulo que recebe (SHINNER apud ABIB, 2001).

Desta maneira, a concepção de Skinner remete a um pensar sobre como a criança trata seu ambiente, ou seja, como se relaciona com os aspectos físicos e sociais e a partir daí desenvolve suas relações interpessoais, valores e crenças.

Viotto Filho, et al (2009) explica que Skinner retrata ao behaviorismo radical, onde enfatiza o conceito de “comportamento operante” que pode ser definido como: (SKINNER apud VIOTTO FILHO et .al, 2009, p.28):

[...] uma unidade intrinsecamente intencional, pois os seres humanos agem no mundo e nesse processo modificam-no, por sua vez são também modificados pelas consequências de suas ações. Compreende-se, portanto, que o ser humano é ativo e encontra-se em constante interação com o ambiente (físico e social).

Sobre essa concepção Vygotsky compreende o desenvolvimento humano a partir da construção do conhecimento, que não apenas sucede no interior do indivíduo, bem como aparece de suas relações socioculturais de seu cotidiano. Neste sentido, o teórico aborda sobre o desenvolvimento real e o potencial. O desenvolvimento real se relaciona a forma como o indivíduo atua sem a interferência dos demais. Já o desenvolvimento potencial, faz referência a como o indivíduo cresce e aprende por meio de suas interações sociais. (VYGOTSKY apud DELGADO, 2003).

Vygotsky (1993) ilustra que a criança se desenvolve a partir de sua experiência pessoal e subjetiva como o meio, onde seu conhecimento é mediado por signos culturais (linguagem, instrumentos, tecnologias, meios de comunicação, etc.) e pela própria dinâmica social. Para tanto, o teórico usa o termo “conceitos espontâneos” para caracterizar o desenvolvimento natural da criança, onde os conhecimentos aprendidos estão fundamentados, preferencialmente fora do contexto escolar, em geral em situações particulares e experiências cotidianas.

O pensamento de Vygotsky é compartilhado por Bruner (1997) que também considera que o desenvolvimento humano é algo que não se atém sobre ao campo individual; senão que sua relação pode ser descrita também em concordância com o mundo, onde a criança é parte da cultura que herda e pode a partir de suas intervenções até mesmo transformar esta cultura.

Observa-se que os aspectos socioculturais são referenciados por numerosos autores na literatura acadêmica, visto que o contexto (meio) é algo que não pode ser separado do desenvolvimento da criança. Através de suas interações sociais,

tradições culturais e materiais que a criança atinge etapas de maturação do pensamento (COLE, 1999).

Portanto, a escola neste cenário emerge como mediadora e propulsora do crescimento físico, intelectual, emocional e social da criança. Conforme se pode identificar a partir dos autores referenciados neste capítulo, o meio escolar é responsável pela construção e transformação do conhecimento culturalmente organizado da criança. É na escola que a criança encontrará significativas possibilidades de autoconhecer, explorar e de busca sua totalidade de interação com o meio que vive.

2.3 Relação escola X aluno

A escola apresenta-se, geralmente, como um espaço de encontro entre dois sujeitos, o professor “conhecedor” e o aluno o que deseja aprender. Neste cenário nota-se uma atividade que deve ser de produzir e transformar o conhecimento.

Viotto Filho, et al (2009) de acordo com a teoria piagetiana, ilustram que a escola não deve ser, somente um mero local de transmissão de conteúdo, mas principalmente um local de desenvolvimento da inteligência e das relações sociais de seus alunos. Neste contexto, o professor aparece como um orientador e provedor de desafios cognitivos levando ao aluno a diversas situações de aprendizagens significativas para a construção do seu conhecimento.

Santos (2002, p.11) explica sobre a relação escola-aluno desde uma perspectiva do ensino fundamental que vem sendo referenciada desde novos mapas de normalização que visam estimular ao aluno a novas disposições e sensibilidades que possibilitem uma maior interação e liberdade no processo de aprendizagem. Cita o autor:

Projeta-se uma escola capaz de formar cidadãos dotados de capacidade de resolver problemas, pensar de modo criativo, de se comunicar usando diferentes códigos, ou seja, estamos pensando em um processo de escolarização que permita ao aluno acesso ao conhecimento, instrumentalizando-o para resolver questões de diferentes naturezas.

A escola deva favorecer ao aluno o conhecimento, a descoberta e a experiência do meio em que interage de forma a valorizar a aprendizagem por meio da prática cotidiana dentro dos processos de ensino e aprendizagem (VIOTTO FILHO et .al, 2009).

Reforçam Sacristán e Gómez (1998, p.5) sobre as mudanças na sociedade contemporânea que transformam a relação escola e aluno, onde a instituição escolar passa a desempenhar a função basilar de provocar e facilitar a reconstrução dos conhecimentos, atitudes e formas de conduta dos alunos, que adentram a esse espaço já como possuidores de práticas sociais de sua vida anterior e paralela à escola. Dissertam os autores:

Na sociedade contemporânea, a escola perdeu o papel hegemônico na transmissão e distribuição da informação. Os meios de comunicação de massa, e em especial a televisão oferecem de modo atrativo e ao alcance da maioria dos cidadãos uma abundante bagagem de informações. As informações variadas que a criança recebe, somadas ao conhecimento de suas experiências e interações sociais com os componentes de seu meio de desenvolvimento, vão criando de modo sutil, incipientes concepções ideológicas que ela utiliza para interpretar a realidade cotidiana e para tomar decisões no seu modo de intervir e reagir.

A criança chega à escola com abundante capital de informações e com poderosas e críticas pré-concepções sobre os diferentes âmbitos da realidade (SACRISTÁN e GÓMEZ, 1998, p.5).

Com isso, o que fundamentam Sacristán e Gómez (1998) é sobre a função que passa a cumprir a escola no processo de aprendizagem, tendo como ponto de partida a diversidade que já vivencia o aluno e que requer de um novo posicionamento na construção de seu conhecimento.

2.4 Papel da Escola na Formação do Aluno do Ensino Fundamental

Seguindo na descrição de seu pensamento, Sacristán e Gómez (1998, p.6) relatam que o papel que passa a desempenhar a escola na formação do aluno, na atualidade se concretiza em:

Mais que transmitir informação, a função da escola contemporânea deve se orientar para provocar a organização racional da informação fragmentária recebida e a reconstrução das pré-concepções acríticas, formadas pela pressão reprodutora do contexto social, por meio de mecanismos e meios de comunicação cada dia mais poderosos e de influência mais sutil.

- Desta maneira, Luckesi (1994) descreve a três tendências do papel da escola que se pautam em: **Educação como Redenção da sociedade** – refere-se a uma função corretora dos desvios sociais com o objetivo de tornar melhor o ambiente que se vive;

- **Educação como Redenção da sociedade** – refere-se a uma função corretora dos desvios sociais com o objetivo de tornar melhor o ambiente que se vive;
- **Educação como Reprodução da sociedade** – é a educação integral, onde a escola se posiciona em uma ação não de agir e sim de interpretar como a sociedade vai se reproduzindo;
- **Educação como transformação da sociedade** – faz referência a escola como mediadora. Neste sentido, a transformação supera a visão redentora e reprodutora e coloca a função de compreender os condicionamentos sociais e utilizá-los estrategicamente para a emancipação do sujeito.

Desta feita, o que estabelece o autor é uma sucinta revisão histórica de como a escola veio se consolidando ao longo dos tempos e alcança em tempos atuais a uma visão de escola voltada a preparar o aluno para aquisição de conteúdos e da socialização, para que o mesmo possa participar ativamente na democratização da sociedade (LUCKESI, 1994).

Descrevendo sobre a educação fundamental, a UNESCO (1998) disserta sobre uma educação pluridimensional, que carece de uma reunião de todos os saberes: o saber-fazer, o saber viver juntos e o saber-ser; que atualmente são determinantes na educação básica. Especificamente, para as crianças que se encontra em uma etapa de operação concreta, isso implica a repetição ou imitação de gestos e práticas, que juntam o conhecimento não formal ao conhecimento formal, o desenvolvimento de aptidões inatas à aquisição de novas competências.

Tais aportes teóricos servem para basilar a inserção dos meios de comunicação social, na educação fundamental, que emerge como integrantes do espaço cultural do aluno que devem ser utilizados na ordem educativa como instrumento de “leitura crítica”.

[...] sistema escolar tem uma responsabilidade específica em relação aos meios de comunicação e, sobretudo, em relação à televisão, quanto mais não seja pelo fato de ela ocupar um lugar cada vez mais importante na vida dos alunos a julgar pelo tempo que lhe consagram [...] (UNESCO, 1998, p.115).

Em síntese, delinea a UNESCO (1998, p.116) sobre a necessidade de uma educação básica que exerça uma combinação entre o ensino tradicional com as

contribuições exteriores a instituição escolar, facultando ao aluno o acesso às três dimensões de uma educação fundamental contemporânea: ética e cultural; científica e tecnológica; econômica e social.

É importante que os professores formem, desde já, os alunos para uma “leitura crítica” que os levem, por si mesmos, a usar a televisão como um instrumento de aprendizagem, fazendo a triagem e hierarquizando as múltiplas informações transmitidas. É preciso insistir, sempre, nesta finalidade essencial da educação: levar cada um a cultivar as suas aptidões, a formular juízos e, a partir daí, a adotar comportamentos livres.

Logo, o que se contextualiza a um ensino fundamental que esteja voltado a priorizar as experiências de seus alunos, ou seja, desenvolver atividades e programas educativos, que envolva as experiências das crianças a partir de diversos contextos (culturais, cognitivos, afetivos, sociais, históricos e tecnológicos) presentes nas interações cotidianas de cada aluno em seu ambiente escolar e social.

3 DROGAS

O consumo de drogas tem sido referenciado nos meios de comunicação e na sociedade em geral como um problema de Saúde Pública que por vez leva a criminalidade de crianças e adolescentes que estão expostos cada vez mais ao tabaco, álcool, e uso de drogas ilícitas. Assim é que vários estudos de diversas ciências tais como: medicina, psicologia, sociologia, entre outras; veem demonstrando sobre o surgimento das drogas no campo social, onde a maioria das crianças inicia-se nas drogas, primeiramente experimentando o cigarro, o álcool, até chegarem ao uso de drogas “mais pesadas”. No início, são apenas algumas tragadas no canto de alguma sala da escola, em festinha e saídas com amigos até um consumo diário. (CARNEIRO, 2004; PETUCO, 2008; RODRIGUES, 2004; MARTINI e FUREGATO, 2008; FONSECA, 2009).

Neste cenário, emerge a escola como um campo de conhecimento e de prevenção que deve estar atenta ao que passa ao aluno não somente em relação a construção de seu conhecimento, como também a suas influências sociais que por vez interferem em sua atividade educativa. Desta maneira, este capítulo abre espaço para descrever a evolução histórica das drogas e para apresentar alguns dados estatísticos de como vem se consolidando os problemas das drogas com os alunos do ensino fundamental. Por fim, se delineiam alguns aportes teóricos sobre o papel da escola como mediadora na prevenção ao uso de drogas.

O objetivo é de apresentar dados que possibilitem entender melhor como a criança e o adolescente vem se relacionando com as drogas e o papel que exerce a escola na prevenção ao uso de drogas que cada vez ocorre em idades mais precoces.

3.1 Contexto Histórico: Entrada das Drogas e sua Peregrinação na Sociedade Brasileira

Conforme Escohotado (1998) o início do uso de drogas na sociedade, não é fenômeno moderno, apesar de ter adquirido maior expressão a partir do século XX e crescimento substancial na atualidade. Explica o autor, que as drogas evoluíram juntamente com a humanidade. Desta feita, desde a Antiguidade, o homem já utilizava de plantas com efeitos alucinógenos, principalmente em rituais religiosos.

Segue o autor dissertando que, por exemplo, a cocaína, é uma droga que tem seus antecedentes históricos em pelo menos cinco mil anos a.C, onde civilizações pré-incaicas, consideravam que a planta do qual essa droga era extraída, provia de poderes contra o deus maligno “Mama Coca”. Além do mais ajudava a suportar a fome e a fadiga, bem como, chegou a representar status social, onde somente era concedida a nobreza a autorização para seu consumo.

Nesta trajetória histórica, Rodrigues (2004) aborda que o século XIX aparece com a época de venda livre e da ascensão das drogas na sociedade, em grande parte devido ao desenvolvimento da química, que propicia o surgimento de diversos tipos de fármacos. O autor ainda comenta que:

Nos Estados Unidos, o entusiasmo pelas drogas foi similar ao europeu; assim como o haxixe para as de Baudelaire e de Gautier. A Coca-cola, lançada em 1885, continha base cocaínica, tal qual o Vinho Mariani, que fez fama no velho continente. A automedicação era uma realidade para o cidadão norte-americano, e drogas contendo opiáceos e estimulantes vegetais ou sintéticos eram livremente vendidas em farmácias e boticas por todo país.

Agrega Carneiro (2004), que as drogas têm relacionado seu surgimento as diversas conquistas científicas que possibilitaram a descoberta e invenção de vários tipos de psicofármacos sintéticos ou originários, que a princípio era de uso indígena e aos poucos vai se inserido em todo o cenário social; assim substâncias como o tabaco, álcool, opiáceos, e outras substâncias aditivas, aparecem a princípio como drogas legais que eram comercializadas nos mercados internacionais.

Não se pode deixar de citar que as substâncias psicoativas sempre tiveram um valor inestimável para a psicologia ao prover elementos para a compreensão dos processos psíquicos. Ademais seu uso religioso esteve relacionado às práticas de êxtase de povos indígenas. Contudo, alcança no mercantilismo um consumo massivo, principalmente com o aparecimento do álcool destilado, o tabaco, e as bebidas excitantes, entre outras substâncias. Considera Carneiro (2004, p.1), que para entender como as drogas adentraram-se a estrutura política, econômica, cultural e científica das sociedades é preciso:

[...] um olhar histórico que desvende os nexos e os interesses que buscam regulamentar socialmente o consumo destas substâncias que assumem importantes papéis culturais como veículo de devoção, de cura, de identidades étnicas, de gênero e nacionais, entre outras. (CARNEIRO, 2004, p.1).

A segunda metade do século XIX se descreve pelo nascimento de movimentos religiosos puritanos que tinham como propósito combater a tudo que atentasse contra a moral protestante. Neste contexto, somente o café que era a “bebida de sobriedade” é excluído do que seriam drogas que passaram a ser consideradas “impurezas da América”. (RODRIGUES, 2004, p.42-43).

Conta Rodrigues (2004, p.43) sobre a etapa de proibição do uso das drogas nos Estados Unidos, como ponto de partida, ao combate internacional:

O alvo preferencial foi à associação entre luxúria e álcool. Houve uma sequência de fundações de partidos e movimentos moralistas e proibicionistas, como o Prohibition Party (1869), a Sociedade para a Supressão do Vício (1873) e, a principal dessa fase, a Anti-Saloon League (1893). Em 1895, esta última, que baseara sua expansão na aliança com várias igrejas protestantes, já estabelecera ramificações por todo o país. Concentrava esforços na campanha contra o álcool e os estabelecimentos que o comercializavam até que, em 1913, lança uma campanha pela Proibição do álcool através da aprovação de uma emenda constitucional. O resultado dessa manobra foi o rápido crescimento da bancada proibicionista no Congresso Nacional, número que chegou, em 1916, aos 2/3 necessários para abrir o processo de votação da proposta. A *Anti-Saloon League* concentrou os movimentos conservadores norte-americanos, que ganharam vulto nos primeiros anos do século XX, pois somava à verve proibicionista a articulação estratégica com movimentos religiosos e congregações feministas (como a *Woman's Christian Temperance Union*), objetivando conquistar vitórias políticas na cúpula governamental).

Observa-se que esses relatos históricos servem para referenciar a passagem das drogas de uma questão individual e privada, para um problema estatal, onde diversos fatores (políticos, sociais, econômicos e morais) conjugaram para que os países começassem a desenvolver políticas e legislações pertinentes ao uso e proibição de certas drogas (RODRIGUES, 2004).

Corroborando Trad (2009, p. 97):

Até o século XIX, esse uso era regulado basicamente, pelos controles sociais informais e pelo autocontrole. Não obstante, na passagem para a sociedade urbano-industrial, a medicina científica moderna, enquanto instituição social, e o Estado se firmaram como instâncias máximas no controle das drogas e dos usuários, fundamentando o chamado “modelo proibicionista de drogas”.

Em referência ao cenário brasileiro, Trad (2009), descreve que o país seguiu a princípio o modelo de prevenção com base na visão proibicionista norte-americana, que se centrou na ilegalidade das drogas, no combate e repressão ao uso e na abstinência. No entanto, no governo do Presidente Getúlio Vargas, o Estado se situou em duas formas de tratar o uso das drogas: liberal – de acordo ao

uso de drogas consideradas legais e intervencionista e punitiva, para o uso das drogas ilegais.

Os anos de 1980, pautado em uma redemocratização do país, emerge um novo discurso sobre as drogas, onde o modelo proibicionista passa a ser pauta na Saúde Pública, como também um problema das ciências humanas e médica, que questionavam sobre a abordagem contraditória do Estado em relação ao uso das drogas e seus usuários (TRAD, 2009).

Em tempos contemporâneos, apesar das mudanças que veem ocorrendo em relação ao fenômeno das drogas na sociedade, onde as investigações brasileiras se concentram nos grupos de consumidores e nos contextos de inserção e permanência, prevalece no Brasil o modelo proibicionista, onde o ordenamento jurídico e médico controlam os critérios biofarmacológicos e o uso e proibição de certas drogas pela população (TRAD, 2009).

Desta feita, que na atualidade as drogas são conceituais como “[...] qualquer substância, natural ou sintética, lícita ou ilícita, que seja capaz de alterar o estado físico e/ou psicológico de seu usuário, quer seja consumida para fins medicinais ou recreativos”. (STEIMAN, 1995, p.9).

Acrescenta Carneiro (1993), que para a farmacologia a palavra “droga” engloba todas as substâncias que gerem alguma variação fisiológica num corpo sem ser fundamental para sua sobrevivência.

Para Organização Mundial de Saúde (OMS) o vocábulo “droga” faz menção “[...] a toda substância que, introduzida no corpo, altera algumas das funções do organismo. Neste sentido, qualquer medicamento constitui-se em droga, incluindo antiácidos e analgésicos” (OMS apud PETUCO, 2008, p.92).

Aclara Petuco (2008) que as drogas proibidas são aquelas que agem sobre funções específicas, ou seja, que alteram as funções do sistema nervoso central. Como descreve o autor em sua revisão de literatura, que em realidade as drogas são mais um conceito moral e jurídico, que um objeto claro e definido. Ou seja, as drogas se situam na sociedade, mais por seus efeitos e pelo poder que causa que propriamente por seu conceito semântico.

Nesse sentido, considera-se relevante utilizar o conceito da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (BRASIL, 2010, p.8) que melhor visualiza o que

seria as drogas ilegais, uma vez que também trata sobre as drogas restringidas ao uso de crianças e adolescentes:

Drogas são substâncias que produzem mudanças nas sensações, no grau de consciência e no estado emocional das pessoas. As alterações causadas por essas substâncias variam de acordo com as características da pessoa que as usa, da droga escolhida, da quantidade, frequência, expectativas e circunstâncias em que é consumida.

Essa definição inclui os produtos ilegais (cocaína, maconha, ecstasy, heroína...) e também produtos como bebidas alcoólicas, cigarros e vários remédios, que são legais, apesar de haver restrições em sua comercialização. Por exemplo: é proibida a venda de bebidas alcoólicas para menores de idade.

Desta feita, indo ao objetivo deste trabalho, observa-se que as crianças da 4ª série é uma geração que nasceu em um mundo onde algumas drogas são proibidas e são inúmeros os programas de televisão que debatem todo momento sobre essa proibição e os perigos sobre o uso das mesmas.

Portanto, como apresenta o V Levantamento Nacional Sobre O Consumo de Drogas Psicotrópicas Entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2004 (CEBRID, 2004, p.361) é preciso “Conhecer a realidade do uso de drogas de um país ou mesmo de uma região possibilita saber para quais drogas a prevenção deve ser enfatizada, qual a ideal de se começar as atividades de prevenção, qual o sexo mais propenso a usar certas drogas, a influência das classes sociais no uso, etc”.

Neste sentido, é que se apresenta os dados estatísticos sobre o conhecimento, iniciação e o uso de drogas por crianças e adolescentes do ensino fundamental.

3.2 Dados Estatísticos sobre a faixa etária dos usuários

Segundo PENSE – Pesquisa Nacional de Saúde escolar (IBGE, 2009) o tabaco é a principal droga entre adolescentes, onde a idade de iniciação é cada vez mais precoce. Agregando que a iniciação precoce ao fumo é um preditor de uso de outras substâncias, como o álcool e drogas ilícitas.

Desta feita, que o II Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil - 2005 (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID, 2006), apresenta que a prevalência maior no consumo do tabaco é de crianças e adolescentes do sexo masculino, em uma faixa etária de 12 a

17 anos (15,2%) que fizeram algum uso e 2,9% usavam habitualmente. Ressaltando que a iniciação foi de 12,8 anos como média etária.

Agrega a PENSE que entre alunos de escolas públicas e privadas 24,2% dos alunos experimentaram alguma vez cigarro em sua vida. A maior frequência foi para Curitiba onde 35,05% dos alunos fizeram uso de cigarro. No entanto, não se observou diferenças significativas entre os sexos, 24,4% para o sexo masculino e 24,0% para o sexo feminino. Ressalta a pesquisa que o fator de risco (25,7%) foi maior em escolas públicas em relação a 18,3% das escolas privadas (IBGE, 2009).

Quanto ao álcool o V Levantamento Nacional (CEBRID, 2004) descreve que a 41,2% dos estudantes brasileiros da rede pública de ensino na faixa etária de 10 a 12 anos, já tinham feito uso na vida de álcool, sendo as capitais com maiores porcentagens: Campo Grande (57,1%), Rio de Janeiro (56,6%), Vitória (55,6%), Fortaleza (52,0%) respectivamente. Como menor uso na vida de álcool na faixa etária de 10 a 12 anos foi em Rio Branco (15,8%).

Quanto ao uso frequente de álcool 11,7% dos estudantes brasileiros da rede pública de ensino disseram consumir álcool com maior constância, e 6,7% fazem uso pesado de álcool. Observa ainda a pesquisa que em Porto Alegre, o uso frequente de álcool (seis vezes ou mais no mês - 14,8%) e o maior uso pesado se detectou em Salvador (8,8%), onde estudantes relataram usar álcool 20 dias ou mais no mês. (CEBRID, 2004)

II Levantamento Domiciliar (CEBRID, 2005) aborda que os dados indicam um uso maior de álcool para o sexo masculino (19,5%) quando comparado ao feminino (6,9%).

Corroboram os dados da PENSE sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre crianças, adolescentes e jovens, onde 71,4% dos alunos já experimentaram bebida alcoólica alguma vez. Observa-se uma mudança de comportamento, uma vez que a proporção maior de ingestão de bebidas alcoólicas ocorreu para o sexo feminino (73,1%), em comparação ao sexo masculino de (69,5%); sendo as duas porcentagens elevadas. Destaca-se uma experimentação de bebida alcoólica de 75,7% para alunos de escolas privadas e de 70,3%, para alunos de escolas públicas (IBGE, 2009).

A pesquisa indica ainda que os alunos revelaram que adquiriram bebidas alcoólicas em festas (36,6%), compra em mercado, loja, supermercado ou bar (19,3%), entre amigos (15,8%) na própria casa (12,6%,) (IBGE, 2009).

O V Levantamento Nacional (CEBRID, 2004) apresenta resultados importantes que além do álcool 12,0% dos estudantes brasileiros já fizeram uso na vida de substâncias energéticas associadas a bebidas alcoólicas. A distribuição por regiões se apresenta da seguinte forma: Sul com 16,6%, Sudeste com 14,1%, Centro-Oeste com 15,2%, Nordeste com 9,8% e Norte com 8,0%. A capital com maior uso na vida de energéticos foi o Rio de Janeiro, com 17,8%.

Em relação ao uso de drogas ilícitas os dados da pesquisa do CEBRID (2004) relatam que 5,9% dos alunos de ensino fundamental e médio no Brasil fizeram uso na vida de maconha. As regiões que apresentaram as maiores porcentagens de uso na vida de maconha foram a Sul com 8,5% e a Sudeste com 6,6%. As duas capitais com maiores uso na vida foram Boa Vista com 8,5% (região Norte) e Porto Alegre com 8,3% (região Sul). Ainda comparando a outros países o uso na vida de maconha no Brasil foi inferior ao do Chile (21,6%), Uruguai (12,5%), Equador (8,6%), Guiana (7,2%), Panamá (6,9%) e Nicarágua (6,9%).

A pesquisa segue descrevendo que no Brasil, o uso na vida de drogas ilícitas foi maior para o sexo masculino com 23,5% contra 21,7% para o sexo feminino. Na região Nordeste também predominou o uso na vida para o sexo masculino (22,8%) em comparação a 17,9% para o feminino. Porém, na região Sul, o uso na vida foi maior para o sexo feminino (23,0%) em comparação a 20,1% para o masculino. O uso na vida de drogas foi semelhante para ambos os sexos nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste, com porcentagens em torno dos 20% (CEBRID, 2004).

Sendo válido abordar ainda sobre a frequência no uso de drogas, onde o estudo do CEBRID (2004) com estudantes brasileiros de ensino fundamental e médio do ensino público no Brasil revela como “uso frequente” - seis vezes ou mais no mês e o “uso pesado” – de 20 vezes ou mais no mês. Desta feita, os dados indicam que no Brasil, o sexo masculino (3,5%) teve maior uso frequente de drogas que o feminino (3,1%). O uso pesado foi de 2,3% dos estudantes do sexo masculino e 1,7% do feminino.

A pesquisa ressalta ainda a gravidade do uso, quando este tem início de uso de drogas em idades muito tenras. Na faixa etária de 10 a 12 anos de idade, 12,7% dos estudantes já fizeram uso na vida de drogas. A região Sudeste teve a maior porcentagem com 15,1% e a menor foi para no Nordeste com 5,6%. O uso pesado de drogas para essa mesma faixa etária variou de 0,5% nas regiões Norte, Nordeste e Sul até 1,3% no Centro-Oeste (CEBRID, 2004).

Esses dados parecem ser corroborados pelo II Levantamento Domiciliar (CEBRID, 2005) que também detecta em geral um maior uso de Maconha para o sexo masculino (14,3%) quando comparado ao feminino (5,1%), no total.

O estudo demonstra ainda que o maior uso na vida das drogas utilizadas por brasileiros pode ser distribuído da seguinte forma: maconha (8,8%), solventes (6,15), benzodiazepínicos (5,6%), orexígenos (4,1%), estimulantes (3,2%), cocaína (2,9%), xaropes (codeína) (1,9%), opíaceos (1,3%), alucinógenos (1,1%), esteroides (0,9%), crack (0,7%), barbitúricos (0,7%), anticolinérgicos (0,5%), merla (0,2%), heroína (0,1%) (CEBRID, 2005).

Os dados da PENSE revelam como drogas ilícitas mais comuns usados por alunos de escolas brasileiras: maconha, cocaína, crack, cola, loló, lança perfume e ecstasy, onde 8,7% fizeram uso alguma vez. Também detectam uma frequência maior de uso para sexo masculino (10,6%) em comparação ao sexo feminino (6,9%) (IBGE, 2009).

Ressalta-se o VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras que realizado em 2009 (CEBRID, 2010) onde o total de estudantes (9,9%) relatou o uso no ano de qualquer droga (exceto álcool e tabaco) para a rede pública e 13,6% na rede particular. As drogas mais citadas pelos estudantes foram bebidas alcoólicas e tabaco, respectivamente 42,4% e 9,6% para uso no ano. Em relação às demais, para uso no ano, foram: inalantes (5,2%), maconha (3,7%), ansiolíticos (2,6%), cocaína (1,8%) e anfetamínicos (1,7%).

V Levantamento Nacional (CEBRID, 2004) considera como um achado relevante que os dados indicam que o uso de drogas entre estudantes no Brasil, apresenta duas características: o sexo masculino usa mais drogas, como cocaína,

maconha e álcool; e o feminino, medicamentos, como os anfetamínicos (anorexígenos – moderadores de apetite) e os ansiolíticos (tranquilizantes).

Destaca-se também o II Levantamento Domiciliar (CEBRID, 2005) analisa como um achado relevante os dados que indicam que entre a faixa etária de 12 e 17 anos, já existem relatos de uso das mais variadas drogas, assim como foi fácil o acesso às mesmas e vivência de consumo próximo. Destacando que 7,8% dos entrevistados relataram terem sido abordados por pessoas querendo vender-lhes droga, bem como, 1/3 da população masculina de 12 – 17 anos, declarou já ter sido submetida a tratamento para dependência de droga.

3.3 O uso de drogas nas Escolas

Tavares, Béria e Lima (2001) reafirmam os dados estatísticos sobre o consumo de drogas no ambiente escolar em diversas regiões do País, onde a droga mais utilizada é o álcool, seguido do tabaco e maconha. Neste sentido, observa-se a uma problemática onde crianças e adolescentes aparecem com um grupo de risco de uso de drogas, visto que se encontra em uma etapa particularmente de vulnerabilidade desde o ponto de vista psicológico e social.

Retratando ao cotidiano escolar Soares (1996, p.137) ilustra o que passa com maior frequência em várias escolas brasileiras onde:

A questão do uso de drogas, feito por alunos dentro e fora da escola tem deixado de ser uma exceção e passado a fato corriqueiro nos últimos anos. As festas do antigo ginásio já não podem acontecer se não houver um vinho, uma cervejinha. Outro tipo de uso e abuso de drogas muito frequente é o da automedicação. Num instante de dor, por exemplo, sempre há alguém com um remedinho ao alcance da mão para aliviar o mal-estar de um colega, de um amigo, de um aluno.

Desta feita, comportamentos que a princípio passam a despercebido a professores e gestores escolar vão ganhando uma maior representação e gravidade, uma vez que este é um problema que vai mais além do conhecer a certas substâncias que geram efeitos adversos; a questão maior esta na necessidade que gera a etapa de infância e adolescência no individuo de buscar fora de si outras formas de satisfação. Frente a isso, as drogas vão de encontro a uma época onde o individuo vivencia a mudanças de personalidade, angústia, aflições, e onde a droga pode aumentar a esse jogo de emoções e gerar certas dependências (SOARES, 1996).

Agrega-se ainda que para muitos médicos o tratamento da dependência do álcool e de ansiolíticos (drogas lícitas) são muito mais difícil que um possa imaginar. Ademais, é importante considerar que tais drogas levam a dependência de outras drogas como, por exemplo, o crack, que gera no indivíduo lesões irreversíveis, alto risco de overdose, bem como tem sido causador de um número significativo de mortes violentas (SOARES, 1996).

Conforme, Soldara et.al. (2004, p.282) a problemática das drogas por estudantes abrange diversos fatores que vão desde o genético, psicológico, familiar, socioeconômico e cultura, entre outros. Os autores preferem agrupar a esses fatores entre: protetores e facilitadores.

- **Fatores protetores** - são aqueles relacionados à religião na infância, onde a família o utiliza como controlador ou estruturador do comportamento da criança;
- **Fatores facilitadores** - fazem referência a maior disponibilidade financeira, ou seja, seriam o nível socioeconômico e trabalho, principalmente para o consumo pesado de drogas lícitas e ilícitas. Ainda, descreve-se nesta categoria os "padrões de socialização *"adulto mórficos"* (trabalho e ensino noturno)", bem como a falta de apoio e compreensão no ambiente familiar.

Neste sentido, é que Martini e Furegato (2008) percebem como um grande desafio para a Educação tratar sobre a prevenção das drogas no cenário escolar, visto que esta é uma questão que envolve outras fontes de informação, tais como a representações sociais, tanto de alunos como de professores sobre o uso de drogas, o que faz com que seja complexo retratar a práticas educativas de prevenção na escola. Sem dúvida, algum o uso de drogas por parte dos estudantes dificulta na relação ensino-aprendizagem, desde a perspectiva que este é um tema de grande vulnerabilidade que se descreve em uma culpa que carrega o próprio usuário, que busca esconder sobre o uso que faz de drogas sejam elas lícitas ou ilícitas.

Portanto, para as autoras é preciso observar ao tema da prevenção desde uma múltipla abordagem que envolva:

[...] as características de cada comunidade escolar; a diversidade dos jovens e de usuários; os tipos de drogas de maior disponibilidade na região e o contexto local. Portanto, práticas preventivas precisam desenvolver na sala de aula a discussão de suas particularidades, de sua realidade, criando formas de abordagem próprias, mais duradouras para obter melhores resultados (MARTINI e FUREGATO, 2008, p.606).

3.4 O papel da escola como mediadora na prevenção das drogas

Conforme os dados estatísticos de pesquisas realizadas no Brasil o consumo de drogas, tanto lícitas, quanto ilícitas, vem apresentando um crescimento significativo entre crianças e adolescentes, sendo cada vez mais terna a idade de início no uso de tabaco, álcool e drogas ilícitas. Neste sentido, emerge o espaço escolar como um agente transformador, como bem expressam Schenker e Minayo (2005), tanto desde uma ótica de ambiente propiciador, visto que é o local onde mais interagem crianças e adolescentes, e, portanto, possui as condições favoráveis para o uso de drogas; como também como quanto lugar para a prevenção e conscientização sobre os perigos dessas substâncias a vida humana.

Descrevem as autoras “por juntar em seu interior a comunidade de pares e por ter fortes instrumentos de promoção da autoestima e do autodesenvolvimento em suas mãos, o ambiente escolar pode ser um fator fundamental na potencialização de resiliência dos adolescentes”. Neste caso, Schenker e Minayo (2005, p.713) consideram que a resiliência, como a condição básica para que o aluno possa resistir à pressão de situações adversas, como no caso o uso de drogas.

Nesta mesma lógica do raciocínio, que segue Fonseca (2009) ao considerar que é realmente a escola o lugar primaz para a prevenção e ao enfretamento ao consumo de drogas entre estudantes. A autora relata que o contexto da sala de aula e a atuação do professor são elementos principais para que o aluno não somente tenha interesse e entusiasmo na aprendizagem, como também é um espaço determinante de intervenção e articulação de conhecimento sobre prevenção ao uso de drogas.

Flores (2004) aborda que no campo educacional existem vários modelos de prevenção ao uso de drogas que deve ser utilizado segundo a gestão escolar que dispõe de autonomia e poder político para implantar programas e ações de prevenção as drogas. Em sua dissertação de mestrado, a autora utiliza os modelos de Carlini-Cotrim (apud FLORES, 2004, p.84-85) que são descritos em:

- **modelo do aumento do controle social** - busca estabelecer limites rígidos e manter os indivíduos sob o controle;
- **modelo de oferecimento de alternativas** - procura oferecer atividades extracurriculares aos alunos, como grupos culturais, esportivos, de instrução profissional, entre outros, que sejam menos rígidos e autoritários;

- **modelo educacional de principio moral** - propõe normas do ponto de vista ético e moral, baseados em princípios de religião, patriotismo e sacrifício social, condenando o uso de drogas;

- **modelo educacional de amedrontamento** - utiliza campanhas esporádicas mostrando os aspectos negativos do consumo de drogas, assustando o público alvo com fotos terríveis, em palestras com ênfase radicalista e sensacionalista dos efeitos prejudiciais das drogas;

- **modelo do conhecimento científico** - estabelece uma educação voltada para o fornecimento de informações sobre as drogas e seus efeitos de modo imparcial e científico;

- **modelo da educação afetiva** - propõe um conjunto de técnicas que visam a melhorar e desenvolver a capacidade afetiva do sujeito, como a autoestima, a interação social, o autoconhecimento e o fortalecimento de sua personalidade para enfrentar pressões externas e internas;

- **modelo do estilo de vida saudável** - promove atividades para o autocuidado com a saúde do ser, como alimentação balanceada, exercícios físicos regulares, entre outras; e

- **modelo da pressão positiva** - propõe ações voltadas para o engajamento de organizações de solidariedade e de ajuda entre os próprios jovens, procurando desenvolver encontros e festas sem uso de drogas.

Também a autora, considera que independe do modelo de prevenção escolhido, o relevante sempre será a atuação do corpo docente que deve ampliar seu saber no tema de prevenção ao uso de drogas a fim de contribuir para conscientização de seus alunos (FLORES, 2004).

Disserta Abramovay (2005, p.94) que o tema das drogas no ambiente escolar é controvertido e delicado, no entanto, é um fenômeno que não pode ser deixado de lado, logo é preciso que:

O corpo técnico-pedagógico ocupa uma posição intermediária entre alunos e pais no que se refere aos percentuais de percepção das drogas nas imediações da escola, o que pode ser atribuído à necessidade que sentem de proteger o ambiente escolar, transferindo, assim, a constatação dessa realidade (o consumo de drogas), com maior frequência, para o ambiente externo à escola. É uma forma de compartilhar com a sociedade a responsabilidade pela conscientização e prevenção em relação a este problema.

Para Bertoni, Adorni e Caires (s/d, p.8) a escola como parte essencial do desenvolvimento humano tem o papel de ajudar ao aluno a apropriar-se de conhecimentos, experiências, capacidades e aptidões. Logo, têm também o papel de desenvolver práticas preventivas voltadas a gerar no aluno a motivação aos valores e princípios, como pontos importantes no combate ao uso de drogas ilícitas.

O papel da escola é muito mais no sentido de desenvolver práticas educativas preventivas que remediativas. Para que isso ocorra, no entanto,

é preciso investir na formação continuada de professores, oportunizando a eles não só a construção de novas concepções, mas, sobretudo, identificar aquelas que vêm fundamentando o seu trabalho, embasando as suas ações voltadas aos adolescentes e jovens.

Desta feita, ressalta-se que a escola desempenha um importante papel na prevenção ao uso de drogas, onde é possível e é necessária uma preocupação com as consequências de seu consumo em longo prazo. Considera-se que programas de prevenção que atuem sobre os comportamentos dos alunos do ensino fundamental são determinantes para que crianças e adolescentes possam entender a real gravidade dos problemas sociais que vivenciam a sociedade na atualidade.

4 PESQUISA DE CAMPO: Análise dos Resultados

A análise dos dados obtidos através da pesquisa etnográfica, com a coleta através de questionário e observação participante permitiu constatar a relevância da TV e vídeo no dia-a-dia dos educandos da Escola Estadual Ana Dias da Costa, localizada no município de Santana - AP. Ressalta-se que a escola em estudo, utiliza as mídias como ferramentas pedagógicas, como por exemplo, a TV escola, laboratório de informática, micro- system que são utilizados pelos professores em suas aulas.

Esta pesquisa tem com um dos objetivos de proporcionar um maior conhecimento a população a quem se destina, ou seja, docentes e gestores da educação que estão inseridos no campo do ensino fundamental e o uso de novas tecnológicas na educação.

Desta maneira, na 1ª pergunta fechada apresentada aos alunos sobre o quanto gosta de assistir televisão, os 100% dos alunos da 4ª série do ensino fundamental da Escola-campo afirmaram gostar de assistir televisão, como pode ser constatado no gráfico 1, a seguir:

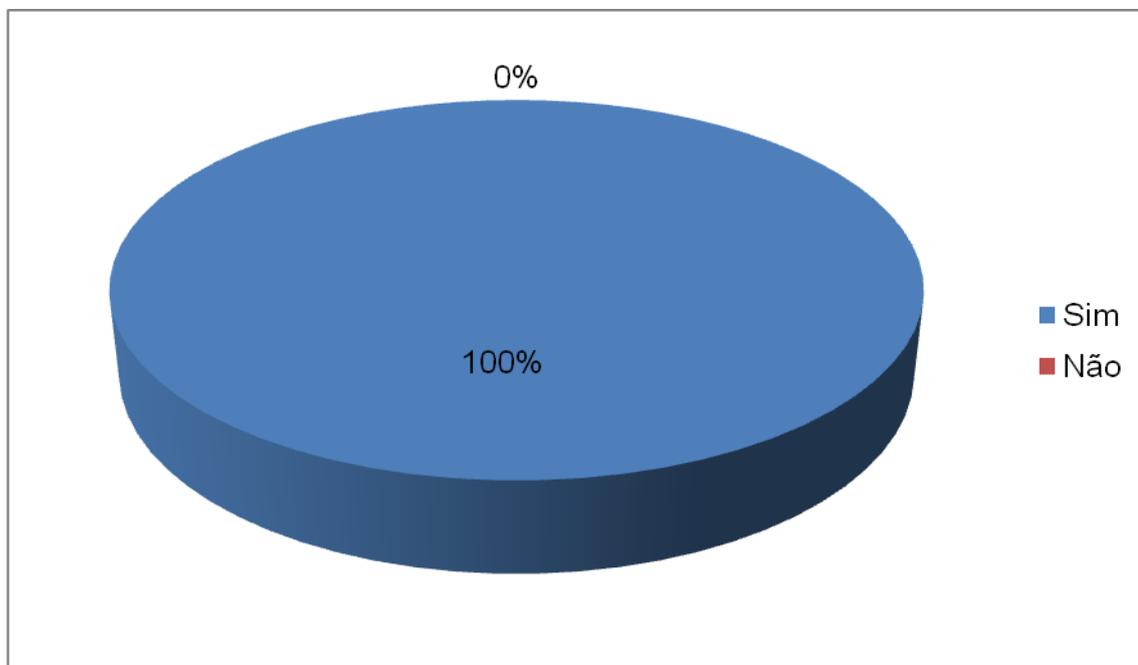


Gráfico 1- Quanto ao gosto por assistir televisão

Fonte: alunos da escola-campo

Conforme demonstra o Gráfico 1 a televisão é uma poderosa tecnologia, uma vez que faz parte do cotidiano familiar e oferece diferentes serviços tais como:

entretenimento, diversão e ócio. É possível perceber o quanto a televisão chama a atenção dos educandos, pois dos alunos questionados, todos responderam gostar de assistir televisão. Observa-se que na etapa infantil a televisão apresenta vários elementos como de formadora de valores, opiniões e formas de vida que influencia na formação da criança.

Frente a isso, que a segunda pergunta se direciona, a saber, qual o tipo de programa preferido, onde 50% dos alunos questionados responderam gostar de assistir a novelas; 35% filmes e 15% a desenhos animados. Nota-se que a metade dos alunos prefere as novelas, pois, segundo a cultura brasileira, este tipo de programa é o mais popular e busca demonstrar o cotidiano da família brasileira, seus problemas sociais, como também, o conhecimento de outros lugares e culturas. Essa tendência de buscar o entretenimento através da televisão também é marcada nesta pesquisa visto que 50% preferem a filmes e desenhos animados.

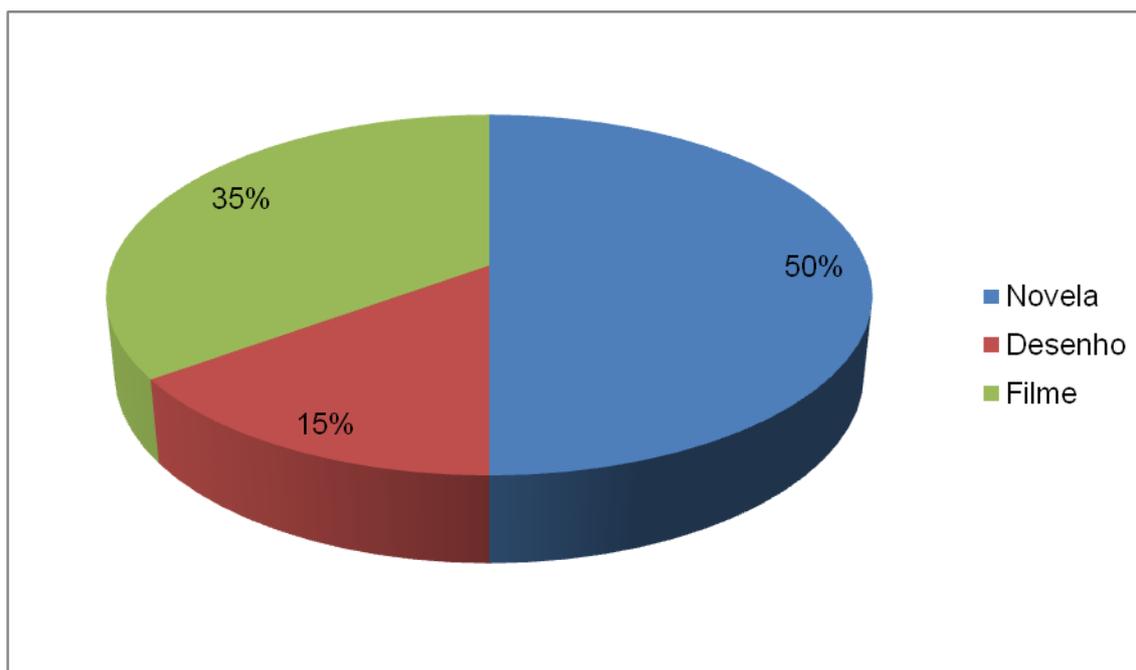


Gráfico 2 – Quanto ao tipo de programa preferido

Fonte: alunos da escola-campo

A telenovela brasileira vem sendo a maior “referência de moda”, como afirma Diniz (2004, p.5) e com isso chega a ser fonte de comportamento social, onde a história remota ao cotidiano da família brasileira e a várias problemáticas sociais, como é o caso de uso das drogas.

Nas últimas décadas, a telenovela deixou de ser apenas um sinônimo de diversão para tornar-se também uma importante aliada na discussão de questões sociais. Produto de comunicação de alta penetração em todas as

classes sociais e com linguagem acessível tornou-se palco de campanha de interesse público nas áreas de saúde, comportamento e cidadania. (DINIZ, 2004, p.5).

Ressalta-se a preferência dos alunos entrevistados pelas telenovelas que apresentam um tipo de linguagem coloquial que lhes permitem uma melhor compreensão sobre o que vê e escutam na televisão.

Em relação a assistir algum filme, vídeo ou documentário com pessoas utilizando drogas, perguntado aos alunos na 3ª questão, 70% dos alunos disseram que sim, e somente 30% responderam não ter assistido. Estes resultados reafirmam o uso da televisão como fonte de informação, que levam a crianças e adolescentes a conhecer o dia a dia de uma sociedade, onde as drogas estão inseridas, e são relatados em filmes, novelas, e outros tipos de programação.

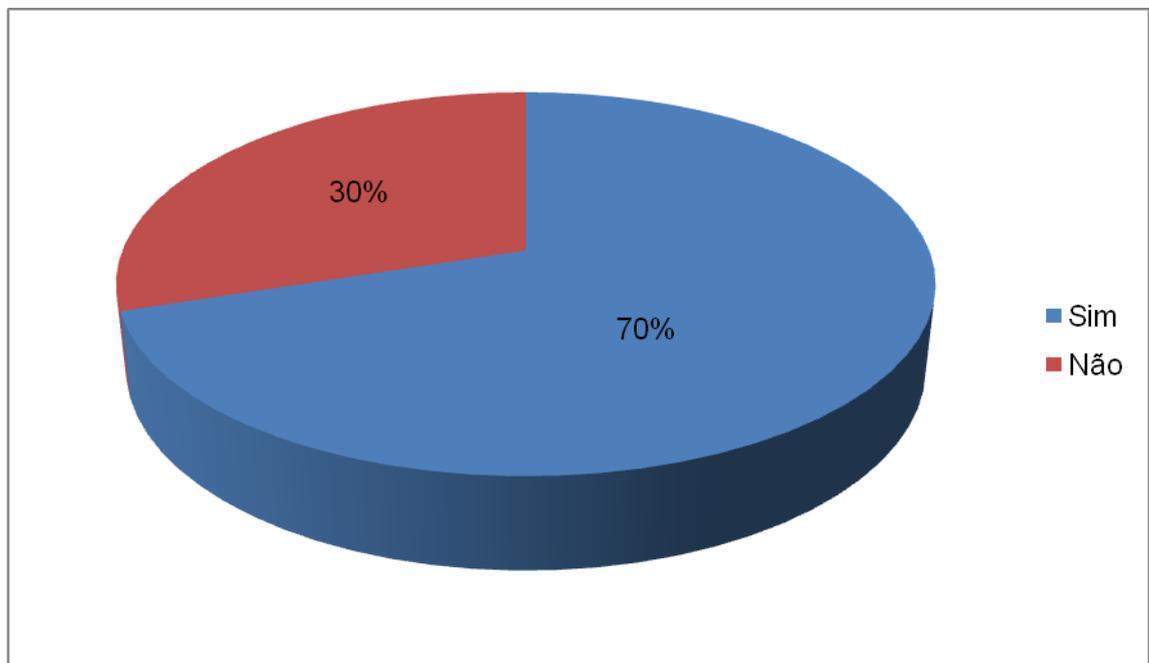


Gráfico 3 – Quanto a ter assistido programas mostrando pessoas usando drogas

Fonte: Alunos da escola-campo

Verifica-se que a televisão tem sido uma mídia utilizada pelos alunos como uma oportunidade de conhecer a práticas cotidianas relacionadas com o uso de drogas.

Perguntados na 4ª questão sobre sua opinião quanto à atitude de pessoas que usam drogas, 60% dos alunos entrevistados consideram horrível o comportamento de pessoas que consomem drogas, e ainda um 40% abordam como triste esta situação. As respostas confirmam que os alunos conhecem sobre as drogas e os perigos relacionados ao uso. Alguns estudos, assim, como esta

pesquisa referenciam que crianças e adolescentes possuem informação suficiente sobre o uso de drogas. (PAVANI et al, 2009).

Destaca-se a investigação de Pavani et al (2009) que serve para balizar esta pesquisa, ao descrever que 89,2% dos alunos entrevistados receberam orientação sobre drogas na escola e que ainda utilizam como meios de conhecimento sobre o uso de drogas através de palestras 83,1%, televisão 72%, jornal 33,7%, cursos 29,3%, cartazes 27,8% e rádio 25,8%. Observa-se que a pesquisa realizada pelos autores com 1041 alunos do ensino médio no município de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil referenciam a televisão (72%) como um importante meio de informação sobre as drogas.

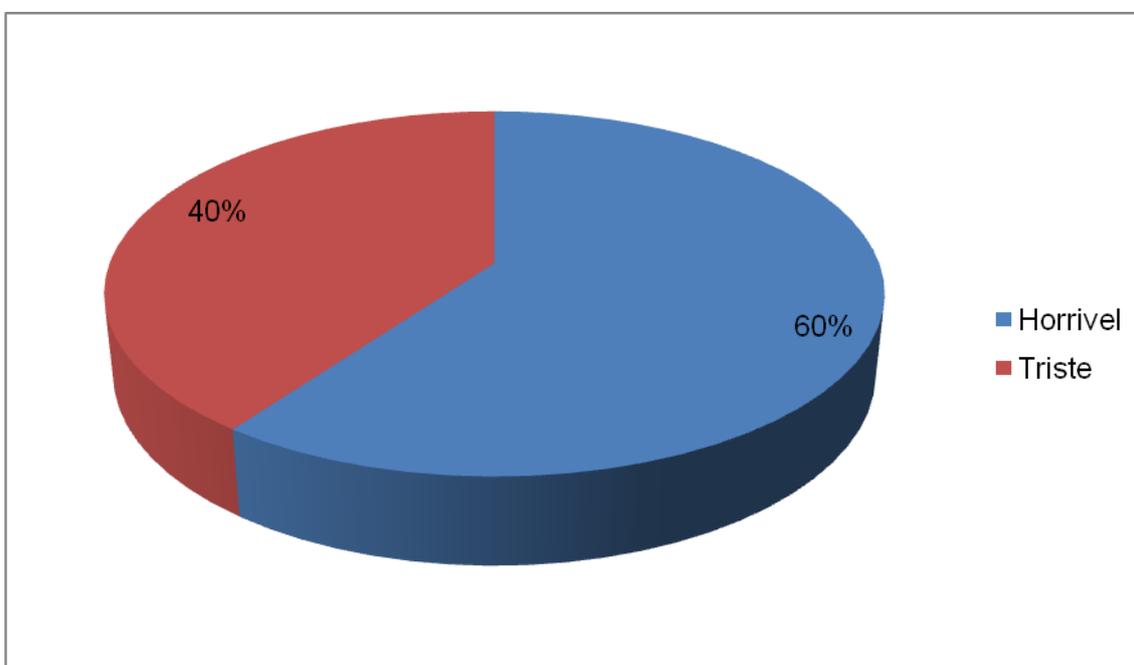


Gráfico 4 - Quando a opinião sobre a atitude das pessoas que usam drogas
Fonte: Alunos da escola-campo

A 5ª pergunta foi mais específica no sentido de saber sobre quem tinha assistido a algum filme, vídeo ou documentário mostrando os efeitos das drogas, onde 60% dos alunos entrevistados responderam ter assistido a programas vinculando os efeitos das drogas, 40% responderam não terem assistido. Os resultados indicam que os alunos utilizam os meios de comunicação para adquirir conhecimento sobre as drogas. Ressalta-se que a televisão aparece como uma alternativa atrativa através de filmes e documentários, além de possuir um grande alcance e de ser fácil utilização.

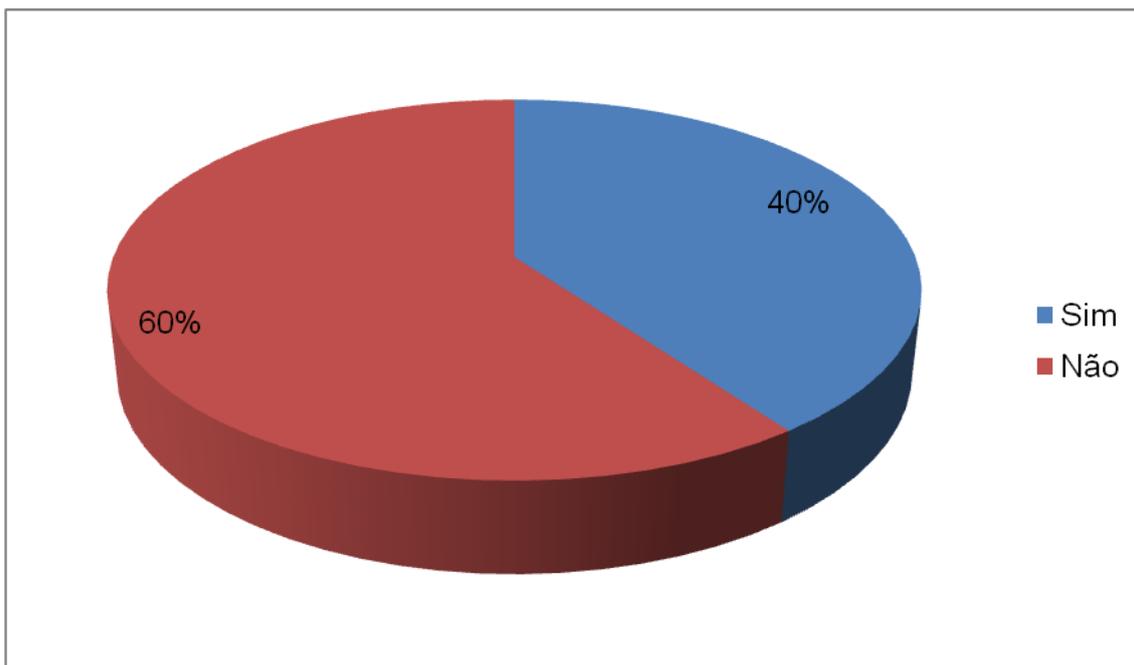


Gráfico 5 - Quanto a quem já assistiu algum filme, vídeo ou documentário que mostre os efeitos das drogas.

Fonte: Alunos da escola-campo

Neste sentido, a televisão emerge como a ferramenta de conhecimento social sobre os efeitos desastrosos que as drogas podem causar as pessoas, principalmente a crianças e a adolescentes, que se encontra em uma etapa de desenvolvimento.

Tal afirmativa é corroborada na 6ª questão onde os alunos responderam 75% que consideram negativos os efeitos causados pelas drogas, e apenas 25% analisam como positivos. As respostas permitem observar que tanto a televisão quanto o vídeo são praticas cotidiana na maioria das famílias e que atualmente são bastante utilizados principalmente nas políticas públicas em campanhas massivas de prevenção ao uso de drogas. Para os alunos entrevistados é importante conhecer sobre os efeitos das drogas e ainda os consideram negativos.

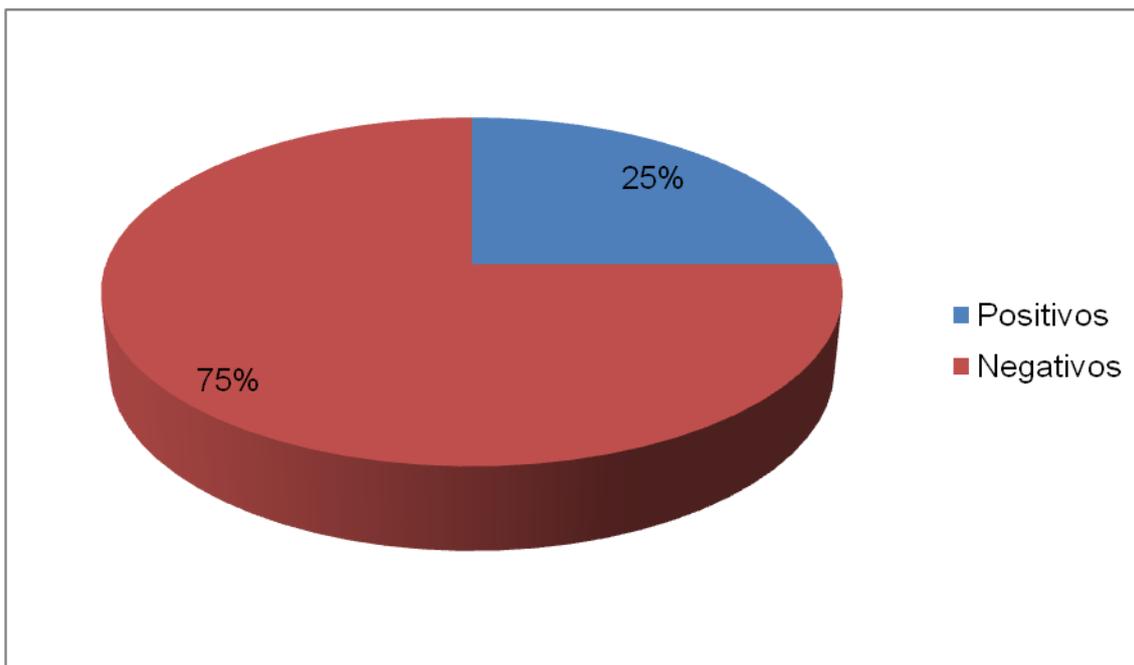


Gráfico 6 – Quanto aos efeitos das drogas serem positivos ou negativos

Fonte: Alunos da escola-campo

A 7ª pergunta: Qual sua opinião sobre o uso das drogas? Apresentou duas opiniões sobre o que causa as drogas na vida das pessoas: 50% dos alunos entrevistados responderam que prejudica a sua vida e a da família e a outra metade respondeu que faz mal a saúde e as pessoas. Observa-se que os alunos entrevistados estão bem informados sobre o assunto, visto que tanto a escola como os meios de comunicação colocam em destaque os perigos que podem causar ao indivíduo, sua família e comunidade em geral.

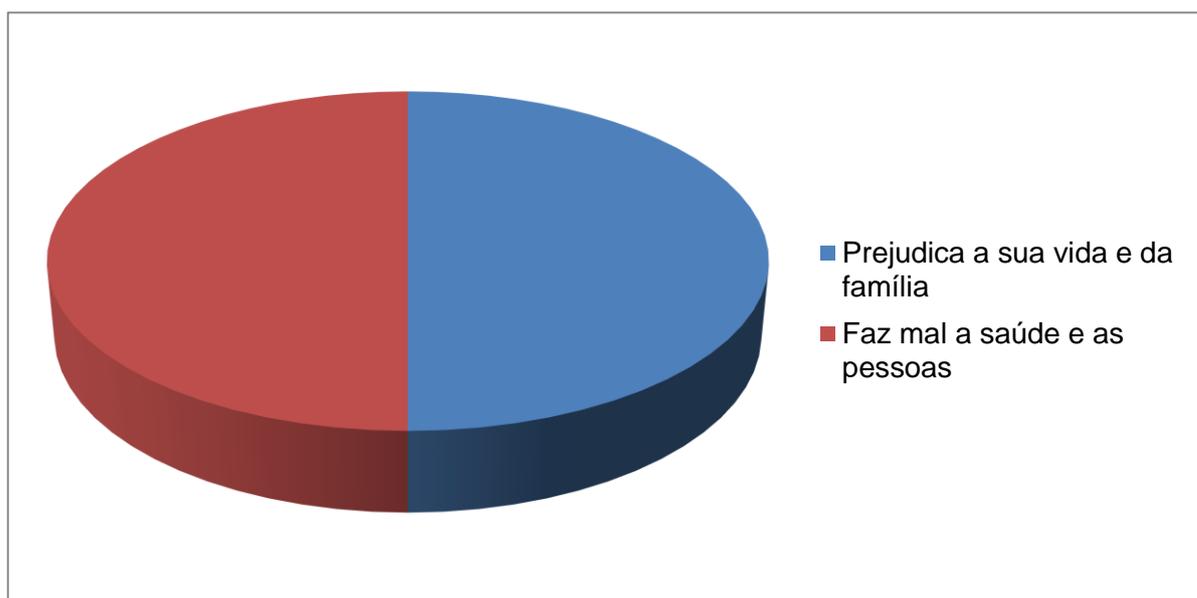


Gráfico 7 – Quanto à opinião sobre o uso das drogas

Fonte: alunos da escola campo

Desta maneira, questionados na pergunta 8 sobre conhecer alguém que faça uso de drogas, 60% dos alunos entrevistados responderam que não e 40% responderam que sim. Os resultados indicam que para os alunos o tema das drogas é algo delicado e que apesar de conhecerem sobre o tema e bem como a companheiros que utilizam (40%) preferem não comentar sobre o tema. O interesse é que os dados obtidos servem para confirmar sobre o meio escolar como local onde crianças e adolescentes estabelecem contato com as drogas, tais como demonstrado em outras pesquisas sobre o uso de drogas nas escolas.

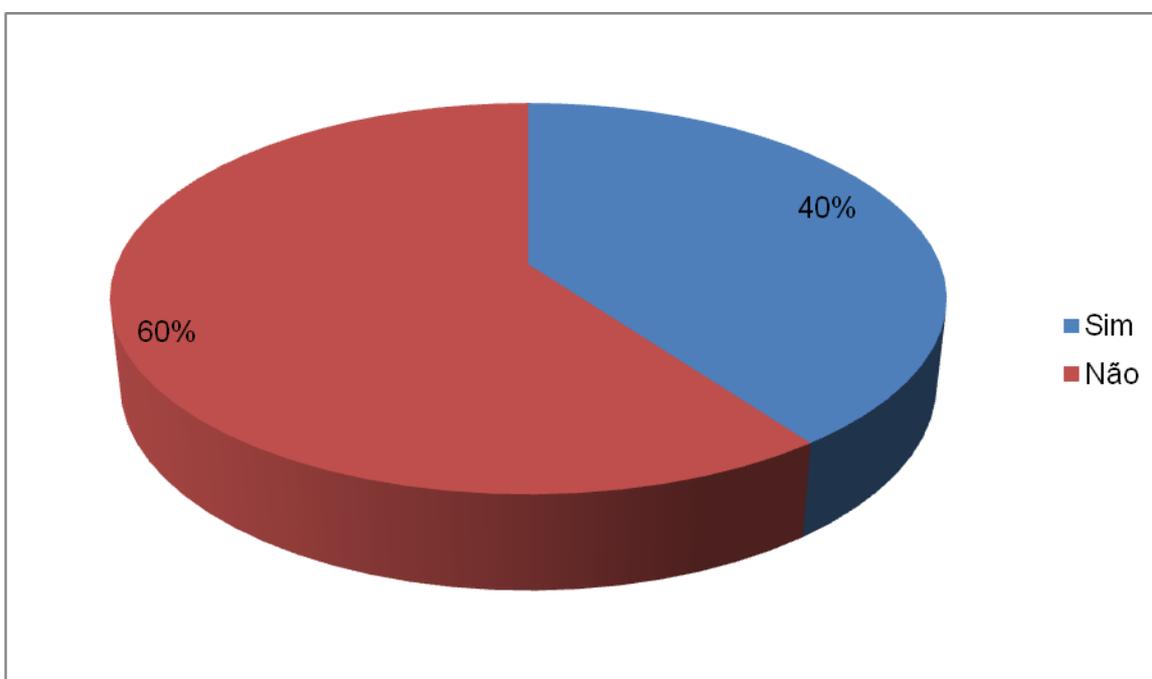


Gráfico 8 – Quanto a conhecer alguém que faça uso de drogas

Fonte: Alunos da escola-campo

Em referência a algum tipo de contato com as drogas, questionados na pergunta 9 a grande maioria (90%) dos alunos entrevistados respondeu não ter tido algum contato com algum tipo de droga, e 10% responderam que sim. Nota-se que esta pergunta segue a tendência em “não falar sobre o tema”, bem como, referencia em um 10% que a escola também é um local onde pode ocorrer a disseminação de drogas.

Para Paini et al (2010) não falar sobre as drogas, não significa que os alunos não tenham uma relação direta com o consumo de drogas. Claro, que tão pouco se pode generalizar que todos os estudantes estão fadados a utilizar drogas. No

entanto, é preciso ter-se em claro que este é um tema delicado, e que tais alunos estão em uma etapa de mudanças e de conflitos internos, com a família e buscam nas relações em pares soluções para seus problemas.

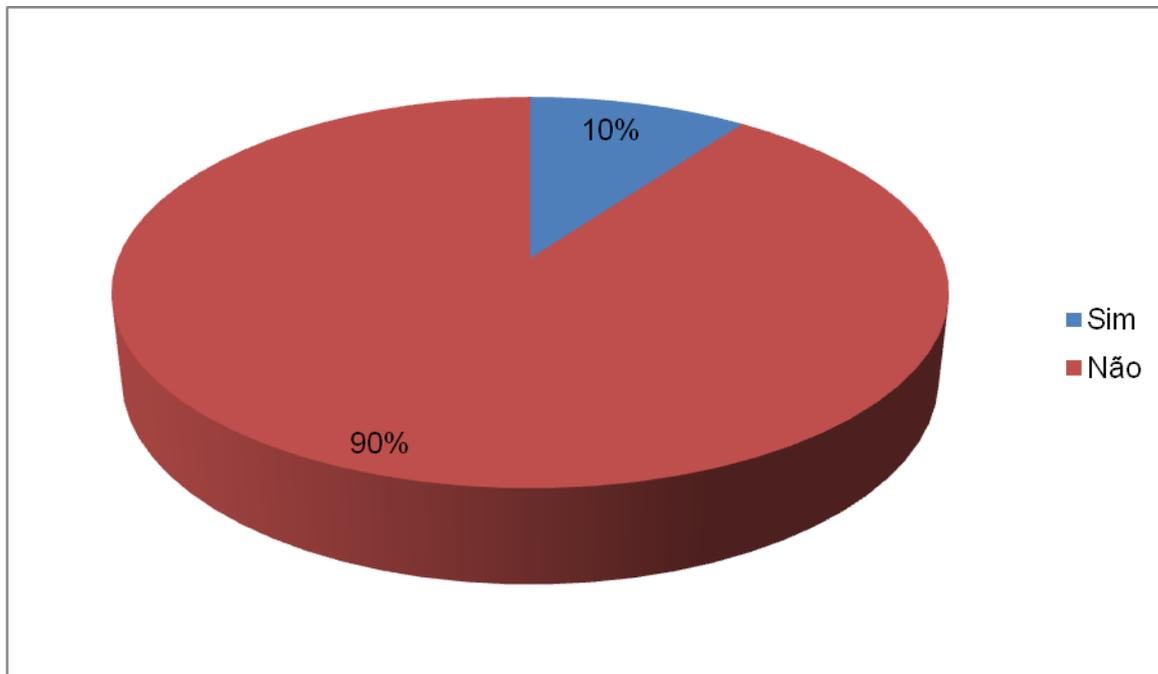


Gráfico 9 – Quanto já ter tido algum contato com algum tipo de droga

Fonte: Alunos da escola-campo

Para a pergunta 10: Se alguém lhe oferecer drogas qual será sua atitude? Grande parte dos alunos entrevistados responderam que não aceitariam e apenas 5% responderam que aceitariam . Os dados obtidos servem para reafirmar que o perigo ronda o meio escolar, ou seja, que os alunos estão inseridos em um contexto onde apesar da informação e de campanhas voltadas a prevenção ao uso de drogas, ainda prevalece a curiosidade em provar algum tipo de droga.

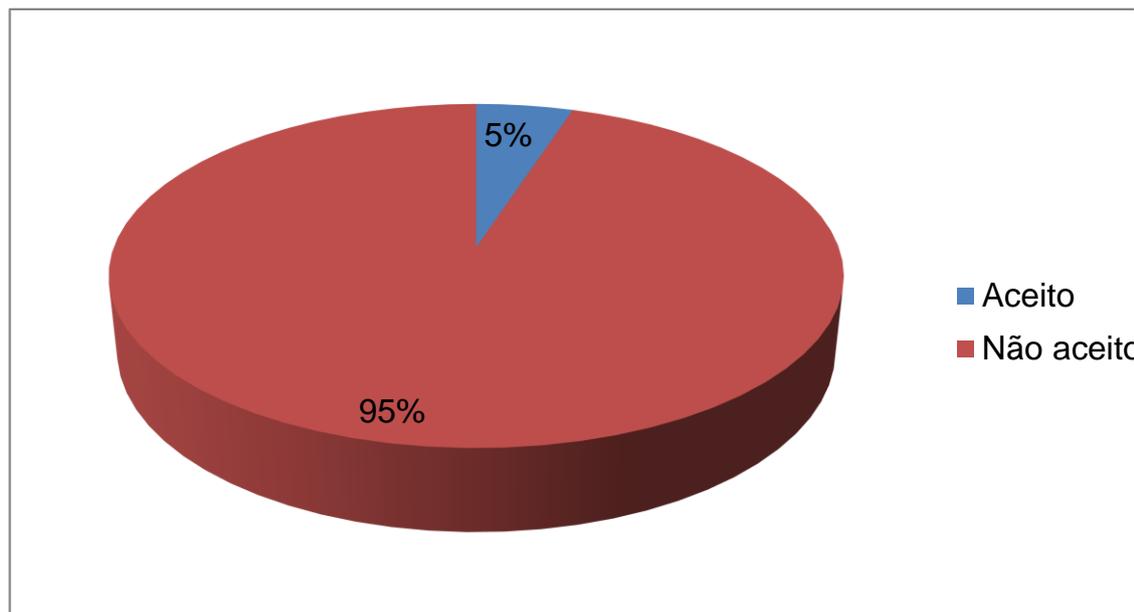


Gráfico 10 – Quanto a sua atitude se alguém lhe oferecer drogas

Fonte: Alunos da escola-campo

As entrevistas demonstram um conhecimento quanto ao uso de drogas e a utilização dos meios de comunicação, no caso a televisão, como fonte de informação. Por fim, considera-se que estes relatos abordam somente sobre a realidade dos alunos entrevistados e seus conceitos sobre as drogas, no qual não se podem generalizar sobre que consideram todos os alunos sobre a problemática das drogas na atualidade. Logo, a pretensão desta análise é de abrir campos para novos trabalhos que retratem sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho atingiu a seu objetivo de apresentar e avaliar o papel que vem desempenhando as mídias na educação, principalmente no processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes que se encontram em uma etapa de descobertas e novos tipos de socialização.

Neste sentido, este estudo buscou descrever o perfil fisiológico, social e cultural de alunos do ensino fundamental, principalmente aos da 4ª série, crianças que transitam em uma idade média de 10 anos e que vivenciam uma etapa de significativas mudanças, que requerem da prática pedagógica a um cuidado especial no sentido de favorecer na construção de um conhecimento exitoso.

Desta maneira, é que esta pesquisa também expôs sobre a influência dos meios de comunicação, principalmente a televisão e o vídeo, no cotidiano dos alunos de ensino fundamental. Observa-se tanto na teórica acadêmica como no cotidiano social que crianças e adolescentes estão grande parte do tempo sujeitos a uma infinidade de programas, novelas, documentários, filmes trazidos pela televisão, onde os mesmos selecionam e definem suas preferências. No caso desta investigação ressalta-se o interesse dos alunos entrevistados pelas novelas.

Nota-se que o meio televisivo é um ambiente que cria uma interação constante com a criança e adolescente, que de muitas maneiras voluntária, se envolve e adquire informações através da televisão. Neste sentido, a pesquisa etnográfica, com o uso de questionário e observação participante possibilitou descrever como a televisão vem apresentando aos educandos temas como o uso e efeito de drogas e como este meio vem sendo formadora da opinião de crianças e adolescentes.

Frente a essas considerações, observa-se uma relação entre aluno e televisão, que pode ser utilizado pela escola, para a educação e conscientização do que pode causar as drogas ao indivíduo, a família e a sociedade em geral. Ressalta-se que a problemática do consumo de drogas entre crianças e adolescentes é um tema abordado constantemente nos meios de comunicação em massa e cabe à escola utilizar as mídias estrategicamente para sua prevenção.

Apesar de este estudo refletir sobre um problema que vem vivenciando com frequência o âmbito escolar, apresenta suas limitações quanto à generalização dos

resultados, visto que, esta investigação somente ilustra a realidade de um pequeno grupo selecionado, onde os 20 alunos entrevistados responderam ao questionário em um único dia. Ademais as questões são subjetivas, onde o aluno tem sua opinião formada através de seu próprio conhecimento e sobre como lida e responde com as questões das drogas.

Frente a isso, considera-se que este trabalho abre caminho a novas investigações como, por exemplo, de inserção da família e a influencia que exerce a mesma na questão do uso dos meios de comunicação na formação da criança. Ressalta-se sobre a necessidade de se formar a profissionais que sejam capazes de abordar ao tema nas escolas, de forma não somente de conscientizar como de envolver a criança no processo de ensino-aprendizagem sobre o tema.

Considera-se que a esta pesquisa em grande parte pela amostra utilizada, todavia nao pode demonstrar o papel que exerce a televisão e o video como meio de aprendizagem dentro da escola, visto que a maioria das perguntas se direcionaram ao conhecimento e uso geral da televisão e video sobre o tema das drogas. Portanto, se faz necessário novos estudos que descrevam mais a realidade do uso e prevenção de drogas na escola em estudo através do uso das mídias como ferramenta pedagógica de apoio ao proceso de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ABIB, José Antônio Damásio. **Teoria moral de Skinner e desenvolvimento humano**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v.14, n.1, pp.107-117, 2001.
- ABRAMOVAY, Miriam **Drogas nas escolas**. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005.
- ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira; CUNHA, Gleicimar Gonçalves. Representações sociais do desenvolvimento humano. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.16, n.1, p. 147-155, 2003.
- BEE, Honey. **A Criança em desenvolvimento**. 3. ed. São Paulo: Harbra Ita, 2003.
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.
- BERTONI, Luci Mara; ADORNI, Dulcinéia da Silva; CAIRES, Flávia Batista. a prevenção às drogas nas escolas como prática educativa. **Anais... IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**, s/d. Disponível em:<<http://mpgepad.blogspot.com.ar/p/artigos-publicados.html>>. Acesso em: set.2012.
- BRASIL. **Ensino fundamental de nove anos: passo a passo do processo de implantação**. 2.ed. Brasília: Ministério da Educação, 2009.
- _____. **Drogas: cartilha sobre maconha, cocaína e inalantes**. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. - Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BRUNER, Jerome. **Realidad mental, mundos possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CARNEIRO, Henrique Soares. **As bebidas alcoólicas e outras drogas psicoativas na História**. 2004. Disponível em:<<http://www.neip.info/index.php/content/view/1138.html?naoincluirheader=2>>. Acesso em: set.2012.
- CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. A TV como objeto de estudo na formação e prática de educadores: prazer e crítica. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n.28, p. 197-212, janeiro/junho, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. **Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras - 2004**. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, 2006.

_____. **II Levantamento Domiciliar Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: Estudo Envolvendo as 108 Maiores Cidades do País.** São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, 2006.

_____. **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2010.** São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo 2010.

COLE, Michael. **Psicología Cultural.** Una disciplina del pasado y del futuro. Madrid, Morata, pp. 128-129, 1999.

DINIZ, Orlando. Prefácio. In: ALENCAR, Mauro. **A Hollywood brasileira: panorama da telenovela no Brasil.** 2ed. Rio de Janeiro: SENAC,, 2004.

DIZARD JR., Wilson. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ESCOHOTADO, Antonio. **História de las drogas: Vols. 1, 2 e 3.** Barcelona: Alianza Editorial, 1998.

FADUL, Anamaria. **Industrial cultural e comunicação de massa.** Série Ideias, n. 17. São Paulo: FDE, 1994.

FERREIRA, António Gomes. Criança e o seu desenvolvimento em discursos médicos e pedagógicos que circularam no contexto português (séculos XVIII a XX). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.01, p.215-234, abr. 2010.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, v. 25, n.1, p. 151-162, 2002.

FLORES, Mariel Hidalgo. **Motivos que levam jovens a recusar drogas: subsídios a propostas de prevenção à drogatização na escola, com ênfase na saúde cerebral.** Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

FONSECA, Marília Saldanha da. Práticas pedagógicas em prevenção ao abuso de drogas: aspectos motivacionais. **ETD - Educação Temática**, V.10, 2009. Disponível em: <www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2068>. Acesso em: set.2012.

FREIRE, Paulo, SHOR, Iria. **Medo e ousadia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

GUEDES, Robson. **Apostilas multimídia.** 2010. Disponível em: <http://fortium.edu.br/blog/robson_guedes/downloads/>. Acesso em: 24 de agosto de 2012.

IBGE – Instituto de Geografia e Estatística. **PENSE - Pesquisa Nacional de Saúde Escolar.** IBGE, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEMOS, André. **Anjos interativos e retribalização do mundo: sobre interatividade e interfaces digitais.** 1997. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciber_pesquisa/lemos/interativo.pdf>. Acesso em: 23 agosto de 2012.

_____. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LUCKESI Cipriano C. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez; 1994.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARTINI, Jussara Gue; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira. Teachers' social representations on drug use in a secondary school. **Revista Latino-Americana Enfermagem**, v.16, n.spe, p. 601-606, 2008.

MATHEUS, Leticia Cantarela. Marcos e Problemas da História da Televisão no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v.1, n.2, jul.2012, dez.2012.

MORAN, José Manuel. **Os meios de comunicação na escola.** Série Ideias n.9. São Paulo: FDE, 1994

_____. **A educação que desejamos:** novos desafios e como chegar lá. São Paulo: Papyrus, 2007.

OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes. crianças operatório – concretas em interação com o computador: um estudo à luz de categoria piagetianas. **Anais...** 27ª Reunião Anual da ANPEE, CAXAMBU, 21 a 24 de novembro de 2004.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade:** Educação e reeducação num enfoque psicopedagógico. Petrópolis: Vozes, 2002.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAINI, Leonor Dias; CASTELETTO, Hugo Santana; FONSECA, Gustavo. Análise do uso de drogas nas escolas públicas: como os amigos influenciam no contato e disseminação das drogas, *Avesso do Avesso*, v. 8, n.8, p. 28 - 43 , novembro 2010.

PALANGANA, Isilda C. **Desenvolvimento & aprendizagem em Piaget e Vygotsky:** a relevância social. 5.ed. São Paulo: Summus, 2001.

PAVANI, Rafael Augusto Borges; SILVA, Elissandro de Freitas; MORAES, Maria Silvia de. Avaliação da informação sobre drogas e sua relação com o consumo de substâncias entre escolares. *Rev Bras Epidemiol*, v.12, 2, p.204-216.

PETUCO, Dênis Roberto da Silva. De susto, de bala ou de vício? In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Programa Nacional de DST e AIDS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008.

PIAGET, Jean. A Psicogênese dos Conhecimentos e a sua Significação Epistemológica. In: PIATELLI-PALMARINI, M. (Ed.) **Teorias da Linguagem, Teorias da Aprendizagem**. Lisboa: Edições 70, 1987, pp. 51-62.

POZO, Juan I. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. Porto Alegre: Artemed, 1996.

RODRIGUES, Thiago. **Política e drogas nas Américas**. São Paulo, EDUC/FAPESP, 2004.

ROSA, Maria Macedo. **Psicologia Evolutiva**. Volume II. Psicologia da Infância. 4 ed.. Petrópolis: Vozes, 1986.

SACRISTÁN, j. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. 4.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. 4a. ed. São Paulo:Experimento, 1992.

_____. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 22, dezembro, 2003.

SANTOS, Luciola Licínio de C. P. **Políticas públicas para o ensino fundamental: parâmetros curriculares nacionais e Sistema Nacional de Avaliação (SAEB)**. Educação e Sociedade, v.23, n.80, set. 2002.

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.10, n.3, p. 707-717, 2005.

SILVA, Vanessa Cerqueira. **Tecnologia Interativa: A Utilização das Novas Mídias na Educação**. 9 de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.artenaescola.org.br/sala_relatos_artigo.php?id=497>. Acesso em: 24 de agosto de 2012.

SILVERSTONE, Roger. **Mídia e vida cotidiana: elementos para uma teoria da mediação**. Diálogos Midiológicos. Entrevista a Veneza Mayora Ronsini, Londres, 2005.

SOARES, Gilda Maria P. **A questão da na escola**. Série Idéias n. 29, São Paulo: FDE, 1996, p. 137-148

SOLDERA, Meire; DALGALARRONDO, Paulo; CORREA FILHO, Heleno Rodrigues; SILVA, Cleide A M. Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. **Revista Saúde Pública**, v.38, n.2, p.277-283, 2004. STRAUBHAAR, Joseph. **Comunicação, mídia, tecnologia**. Thompson Learning Ibero, 2004.

TAVARES, Beatriz Franck; BÉRIA, Jorge Umberto; LIMA, Maurício Silva de. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. **Revista Saúde Pública**, v.35, n.2, p.150-158, 2001.

TRAD, Sergio. Controle do uso de drogas e prevenção no Brasil: revisitando sua trajetória para entender os desafios atuais. In: **Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropicas**. EDUFBA, 2009

UNESCO. **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998.

VIOTTO FILHO, Irineu A. Tuim; PONCE, Rosiane de Fátima; ALMEIDA, Sandro Henrique Vieira de. As compreensões do humano para Skinner, Piaget, Vygotski e Wallon: pequena introdução às teorias e suas implicações na escola. **Psicologia Educacional**, n.29, p. 27-55, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **Obras Escogidas II**: problemas de psicología general. Madrid: Visor Distribuciones, 1993.

APÉNDICE

Questionário de pesquisa de campo TCC - aluno

1 - Você gosta de assistir Televisão?

2 - Qual o tipo de programa preferido?

3 - Você já assistiu algum filme, vídeo ou documentário que mostre as pessoas usando drogas?

4 - O que você achou da atitude dessas pessoas ?

5 - Você já assistiu algum filme, vídeo ou documentário que mostre os efeitos das drogas?

6 - Esses efeitos foram positivos ou negativos?

7- Qual sua opinião sobre o uso das drogas?

8 - Você conhece alguém que faça uso de drogas?

9 - Você já teve algum contato com algum tipo de droga?

10 - Se alguém lhe oferecer drogas qual será sua atitude?